

ERIKA MARIA PARLATO

**Da impossibilidade de dizer o mesmo:
reflexão sobre a paráfrase no discurso de
sujeitos afásicos**

*Dissertação apresentada ao Curso de
Linguística do Instituto de Estudos de
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Linguística.*

Orientador: Prof. Dr. Eduardo R. J. Guimarães

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
1999



2009-11-14

UNIDADE Be
N.º CHAMADA:
P239d
V. Ex
TOMBO BC/ 40462
PROC. 278100
C D
PREÇO 311,00
DATA 11/03/00
N.º CPD

CM-00140113-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

P239d Parlato, Erika Maria
Da impossibilidade de dizer o mesmo: reflexão sobre a paráfrase no discurso de sujeitos afásicos / Erika Maria Parlato. - - Campinas, SP: [s.n.], 1999.

Orientador: Eduardo Roberto Junqueira Guimarães
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Afasia. 2. Paráfrase. 3. Linguagem. 4. Discurso I. Guimarães, Eduardo Roberto Junqueira. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por ERIKA MARIA PARLATO

e aprovada pela Comissão Julgadora em
29, 11, 99.

Esta Dissertação foi apresentada e defendida perante Comissão
Examinadora constituída dos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry

Profa. Dra. Silvana Serrani-Infante

Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães

Campinas, 29 de novembro de 1999.

Para o Sergio,

*meu caminho, meu vinho,
meu vício, meu porto seguro
onde atraquei ...
com todos os sentidos.*

Obrigada!

À minha família, por tudo que me permitiu ser, e principalmente à minha avó, com quem compartilho muitos sentidos.

Ao Prof. Dr. Eduardo Guimarães, que soube apontar o caminho com tranquilidade e segurança.

Aos professores da banca examinadora, pelas importantes críticas e sugestões feitas no exame de qualificação.

Às Profas. Dras. Jacqueline Authier-Revuz e Claudine Normand, pelas valiosas observações no decorrer deste trabalho.

Às Profas. Dras. Cláudia T. G. de Lemos e Eni Orlandi, que são responsáveis por meu encanto pela Lingüística.

À Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry, por ter me propiciado a convivência com os sujeitos afásicos no CCA.

À Regina Fabbrini, Silvana Rabello, e Luiza Nepomuceno por inspirarem em mim a possibilidade de produzir uma escritura.

Ao Cláudio Pereira Magalhães, pela cuidadosa revisão, e por estar disponível a qualquer hora.

À Marion Vera Meier Dayan, que possibilitou minha inserção na Língua Francesa durante esse percurso.

Às amigas, Angela Gordo, Kelly Silvério, Lucia Mourão e Lucia Capuani, com quem compartilhei o início de meu interesse acadêmico.

A todos os amigos professores que compartilham desta dupla aventura, produzir e transmitir conhecimentos.

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I – A paráfrase como fenômeno lingüístico.....	16
Capítulo II – A afasia como problema lingüístico.....	30
2.1. A afasia nos estudos de Roman Jakobson.....	32
2.1.1. Um primeiro contato com a afasia.....	33
2.1.2. A primeira classificação da afasia.....	35
2.1.3. A classificação lingüística da afasiologia de Luria.....	40
2.2. Uma abordagem discursiva no estudo da afasia.....	43
Capítulo III – Discurso e sujeito: implicações do dizer.....	48
3.1. Enunciação.....	58
3.2. Língua.....	60
3.3. Lalingua.....	63
3.4. Discurso.....	64
3.5. Intradiscurso.....	65
3.6. Interdiscurso.....	66
3.7. Ideologia.....	67
3.8. Inconsciente.....	69
3.9. Sujeito.....	71
3.10. Interpretação.....	74
3.11. Heterogeneidade Constitutiva e Mostrada.....	76

3.12. Ressonância.....	77
3.13. Repetição.....	78
3.14. Real/Simbólico/Imaginário.....	79
Capítulo IV – Do mesmo ao outro: o deslocamento do sentido nas construções parafrásticas.....	82
Capítulo V – À guisa de uma reflexão que não será jamais fim.....	93
Resumée.....	96
Referências Bibliográficas.....	99

Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a paráfrase, e fazer isso relativamente a um domínio discursivo particular, o de sujeitos afásicos. Tomar este domínio leva a pensar este fenômeno de linguagem numa região considerada como limite. Toma-se para isso a paráfrase, não como classe de equivalência, enquanto mecanismo produtor de identidades estáveis, determinada de acordo com o princípio da comutação, mas sim, enquanto efeito de interrupção, de duplicidade, de réplica, de deslocamento, de trajetos argumentativos, de contradição. Na paráfrase podemos observar como o sentido passa a ser outro, a cada enunciação, através da modificação do processo discursivo. Isso se dá por ser a paráfrase uma atividade metalingüística espontânea do sujeito, uma atividade que põe em jogo a ilusão necessária da transparência da linguagem e a antecipação, como mecanismo que determina o próprio dizer do enunciador. Para uma observação específica do funcionamento parafrástico, analisamos uma seqüência de situação de diálogo entre um sujeito afásico e um investigador. O fato do interlocutor ser um investigador, não torna o enunciado menos natural, porém, cabe esclarecer que geralmente os sujeitos afásicos estão em contato com os terapeutas continuamente, o que torna a interlocução mais “espontânea”. A análise partiu da

materialidade lingüística e estendeu-se ao intradiscurso. Foram também considerados o mecanismo de antecipação, ou seja, a maneira como o locutor representa as representações de seu interlocutor e vice-versa e a heterogeneidade do discurso, apoiada nos estudos enunciativos, na Análise do Discurso e na Psicanálise. Foi possível constatar que a paráfrase aparece no discurso de sujeitos afásicos deslocando o sentido, a cada nova enunciação, modificando assim, continuamente o processo discursivo.

Palavras-chave:

Paráfrase. Enunciação. Discurso. Afasia.

diferente. Daí o atrito entre esses dois processos, o parafrástico e o polissêmico, revelada pela tensão constante entre o mesmo e o outro.

“(...) não há o mesmo no diferente, isto é, formas diferentes significam diferentemente. (...) a mera repetição já significa diferentemente, pois introduz uma modificação no processo discursivo.”¹

É na paráfrase que podemos observar como o sentido passa a ser outro, a cada enunciação do sujeito, através da modificação do processo discursivo. Isso se dá por ser a paráfrase uma atividade metalingüística espontânea do sujeito, uma atividade que põe em jogo a ilusão necessária da transparência da linguagem e a antecipação, esta como mecanismo que determina o próprio dizer do enunciador.

A análise do fenômeno parafrástico tem sido tomada de forma controversa, possibilitando várias abordagens distintas, que serão apresentadas nesse trabalho. Pêcheux, em uma crítica propositiva, no texto *Apresentação da análise automática do discurso*², argumenta contrariamente aos estudiosos da paráfrase por terem, até então, uma concepção ingênua deste fato lingüístico e sugere:

“...retomar o problema da paráfrase em uma perspectiva nova, que responda melhor à posição geral de nosso projeto: o estudo ‘do outro no interior do mesmo’: estudar as relações entre estruturas sintáticas que fazem com que um conteúdo proposicional estável (por construção discursiva) possa ser investido de sentidos diferentes (reverberações lexicais, enunciativas, aspectuais...)”³

¹ Eni Orlandi, “A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso”. Ed. Pontes. 1983. p. 119.

² Este texto encontra-se no livro organizado por, Gadet, F. e Hak, T. “Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux”. Ed. da UNICAMP. 1993.

³ *Op. cit.*, p.275.

Orlandi também colocou a necessidade de se discutir o lugar da paráfrase nas teorias da linguagem sob dois aspectos, como processo heurístico e como fato lingüístico a ser explicado.⁴

“... a meu ver, a paráfrase e a polissemia são os dois grandes processos da linguagem: a *matriz* e a *fonte* de sentido, respectivamente. Processos esses que aparecem domesticados nos modelos lingüísticos, enquanto sinonímia (paráfrase) e ambigüidade (polissemia).”⁵

Neste texto, é possível observar que a preocupação na análise lingüística da paráfrase recai sobre a tensão existente entre os múltiplos sentidos de cada enunciado produzido pelo sujeito. O que viabilizaria a construção de vários enunciados a partir de um mesmo sentido? Cada frase não possibilitaria novos sentidos? Orlandi apresenta um olhar diferente sobre a linguagem, discorrendo sobre o conflito entre a possibilidade de produzir o mesmo de forma diferente. A partir desta leitura vislumbramos a possibilidade de desenvolver este trabalho, alterando significativamente nossa escuta do discurso daqueles que naquele momento na clínica, nos procuravam enquanto sujeitos portadores de uma “doença” da linguagem, ou seja, do discurso afásico.

Considerando questões dessa natureza que Serrani desenvolveu seu estudo sobre a paráfrase, no qual analisa o funcionamento das paráfrases na configuração da representação do objeto “língua”, na perspectiva da Análise do Discurso, a fim de averiguar como se processou, na discursividade, o fenômeno da enorme imigração européia no momento da implantação dos projetos de organização nacional no Cone Sul latino-americano, concebendo a paráfrase como

⁴ Eni Orlandi apresenta esta distinção para estudo da paráfrase no seu texto *Funcionamento e discurso*, presente no livro, “A Linguagem e seu Funcionamento”, da Editora Pontes em 1983.

⁵ *Ibidem*, p. 116.

ressonância interdiscursiva de significação que tende a construir a realidade de um sentido⁶.

Aqui, nesta pesquisa, analisaremos o fenômeno parafrástico numa abordagem semântica, tendo por referência uma semântica histórica da enunciação, na qual a questão da história, do sujeito e da subjetividade da linguagem são pertinentes.

Para incluir a perspectiva histórica neste contexto de análise, retomaremos a obra de M. Bréal⁷, na qual ele considera a linguagem como fenômeno humano, e em decorrência disso, afirma-a como sendo um fenômeno histórico, já que fatos humanos são em sua essência de natureza histórica. Em relação ao sujeito, ele será tomado aqui como aquele que se diz ao dizer, na sua singularidade enunciativa, sujeito ao saber inconsciente, como nos apresenta Lacan.

“... significante sendo o que representa um sujeito para um outro significante, onde o sujeito não está. É por isso mesmo, por estar ausente aí, que ele é representado, e, mesmo representado, ele se acha dividido.”⁸

Quanto à subjetividade da linguagem, também encontramos essa questão discutida primeiramente por Bréal e mais tarde como objeto de estudo de Benveniste⁹, não deixaremos porém de nos ater à obra de Pêcheux, que por sua vez nos oferece Lacan (intradiscursivamente em sua obra) e que muito contribuirá para o tratamento das questões aqui colocadas como pertinentes ao trabalho proposto.

⁶ “A parafrase como ressonância interdiscursiva na construção do imaginário de língua - o caso do espanhol riopratense”. Tese de Doutorado. IEL - UNICAMP. 1991.

⁷ “Ensaio de Semântica”. Ed. Pontes - EDUC. 1992.

⁸ Esta afirmação de Lacan, feita no Seminário 18 – D’un discours qui ne serait pas du semblant (inédito), encontra-se no livro “Uma leitura introdutória a Lacan (exegese de um estilo)” de Alduísio M. de Souza .

⁹ *Da subjetividade da linguagem*, in “Problemas de Linguística Geral - P”. Ed. Pontes. 1988.

A seleção da seqüência de uma situação de diálogo entre um sujeito afásico e um investigador, se deu pelo fato de ser a afasia caracterizada por uma desintegração da língua. Já em 1973, Jakobson escrevia sobre a necessidade de estudos lingüísticos dos enunciados de sujeitos afásicos, afirmando serem esses estudos, em conjunto com os estudos sobre a aquisição de linguagem, os mais frutíferos do ponto de vista da investigação do funcionamento da língua.

Conforme citado por Jakobson, em simpósio em Londres sobre “Desordens da Linguagem”¹⁰, em 1963, o lingüista Ross já falava sobre a necessidade de um *corpus* de enunciados de sujeitos afásicos com diferentes interlocutores, já que as respostas destes sujeitos afásicos aos médicos são artificiais, ou seja, não condizem com seus enunciados em outras situações diárias. Eles falam de um lugar que ocupam como sujeitos “pacientes”, ocupados por estes dizeres sobre a doença, cuja direção é um sujeito do saber¹¹, o médico.

As alterações produzidas no corpo, decorrentes de lesões no cérebro, afetam o funcionamento estrutural do sujeito, e neste trabalho iremos nos deter na análise de suas manifestações através da linguagem.

Deste modo, para este estudo foram selecionados enunciados de sujeitos afásicos que têm como interlocutores terapeutas, em situações discursivas, tais como, situações de respostas a interrogações, relatos de fatos e depoimentos, atividades estas que constituem a característica dialógica do processo terapêutico.

O fato de ser o terapeuta o interlocutor, não torna o enunciado menos natural, porém, cabe esclarecer que geralmente os sujeitos afásicos estão em contato com os terapeutas continuamente, o que torna a interlocução mais “espontânea”.

Com o objetivo de analisar o fenômeno parafrástico e, conseqüentemente o deslocamento do sentido, deteremos nossa análise no funcionamento da paráfrase na enunciação do sujeito afásico. Para tanto, analisaremos, neste processo enunciativo, a intradiscursividade.

¹⁰ Esta referência encontra-se no livro de Roman Jakobson, *El marco del lenguaje*, editado pela Fondo de Cultura Económica em 1980.

¹¹ Que não se sabe como “suposto”.

A análise partirá da materialidade lingüística e serão analisadas as marcas de interlocução, as marcas de determinação ou de indeterminação do discurso. Serão também considerados o mecanismo de antecipação, ou seja, a maneira como o locutor representa as representações de seu interlocutor e vice-versa. A heterogeneidade do discurso também será analisada como *heterogeneidade constitutiva* (processos reais de constituição de um discurso) e *heterogeneidade mostrada* (representação, em um discurso, de sua constituição)¹².

¹² Distinção utilizada por J. Authier em seu artigo *Hétérogénéité(s) énonciative(s)*, "Langages", 73. Paris, Larousse. 1984.

Capítulo I

A paráfrase como fenômeno lingüístico

Neste capítulo fazemos um apanhado histórico de como o fenômeno parafrástico foi abordado pelos estudos provenientes da lingüística, traçando assim um percurso que procura apresentar as distintas formas de tratamento dadas pelos lingüistas para este fenômeno. Ao término deste percurso, apresentaremos a perspectiva e a orientação teórica em que este trabalho apoia-se para o tratamento lingüístico da paráfrase, que se fundamenta na Análise de Discurso de linha francesa, mais precisamente nos trabalhos que se originaram a partir da obra de Michel Pêcheux.

A paráfrase enquanto um fenômeno lingüístico, desperta um grande interesse dos estudiosos que se ocupam da linguagem, que sempre tentaram delimitá-la, traçando para esta uma definição que pudesse circunscrever sua abrangência. Estes estudos são encontrados na retórica, como forma de produzir um conhecimento sobre discurso. Encontraram também na filosofia espaços significativos que remontam ao texto sobre a poética escrito por Aristóteles, provavelmente entre 335 e 323 a.C. conforme indicam os historiadores. Nesta obra filosófica, a análise recai sobre o verso e a distinção do que seria uma produção poética propondo, no capítulo Poesia e história, que:

“... o poeta deve ser mais fabulador que versificador; porque ele é poeta pela imitação e porque imita ações.”¹³

Na “Poética” Aristóteles ateu-se a várias questões, e nela, a imitação na arte, a mimese, encontram um espaço de destaque onde a repetição de acontecimentos por parte do poeta deve se prender ao que poderia ter sido, e a partir deste “fato” realizar uma reprodução que não alterasse o sentido do “ocorrido”.

Atualmente o tratamento da paráfrase é também estudado por lingüistas que se dedicam à linguagem artificial. Este interesse pode ser explicado pela necessidade em compreender os mecanismos lingüísticos utilizados pelo cérebro humano para produzir e reconhecer paráfrases e conseqüentemente propor um modelo computacional que permita à máquina ter essa habilidade, este é por exemplo o interesse atual demonstrado por Catherine Fuchs.

Tomando agora a paráfrase no seio da Lingüística iniciaremos pelas definições de paráfrase encontradas em dois dicionários de lingüística. Em um deles, coordenado por Jean Dubois, encontramos que:

“Um enunciado A é denominado de paráfrase de um enunciado B se A contém a *mesma* informação que B, sendo, porém, mais longo (...) chama-se paráfrase ao desenvolvimento explicativo de uma unidade ou de um texto.”¹⁴

Nestas definições apresentadas pelo autor, a paráfrase é caracterizada por ter a mesma informação, alterando a forma do enunciado explicativo mas mantendo o conteúdo. Apresenta-se assim uma concepção de paráfrase onde o sentido permanece inalterado.

¹³ Aristóteles, Poética, p.143. Os grifos são nossos.

¹⁴ Dubois, J. “Dicionário de Lingüística”, pp. 453-455.

Além destas definições, Dubois também aponta para este fenômeno na Lexicologia, onde coloca que cada acepção da palavra presente no dicionário corresponde a paráfrases, portanto cada entrada de cada verbete corresponde a uma paráfrase possível. Ele também destaca que um dos objetivos da Gramática Gerativa consiste em explicar as relações parafrásticas. E por fim, enfoca que o estudo desse fenômeno é importante para a definição dos métodos da análise contrastiva do discurso utilizados pela Análise do Discurso, que deve, no interior de seu arcabouço teórico, dedicar-se à paráfrase.

Já Georges Mounin em seu “Dictionnaire de la linguistique”, apresenta uma definição para a paráfrase como sendo:

“... l’exploitation des séries synonymiques et analogiques, pour developper une idée première à exprimir plus en détail ...”¹⁵

Mounin apóia-se em Bally para apresentar sua concepção de paráfrase dentro do ponto de vista da Estilística, onde a utilização de vários enunciados tem por objetivo estabelecer relações de sinonímia e de analogia a fim de expressar a idéia matriz de forma detalhada, estabelecendo relações parafrásticas.

Nesta segunda metade do século XX temos observado um interesse da lingüística pelo fenômeno parafrástico, dado o aparecimento de trabalhos que enfocam este fenômeno. Tal interesse parece ser decorrente de pelo menos três pontos principais: a) o desenvolvimento de pesquisas sobre o tratamento automático da linguagem e do texto; b) o estudo sistemático de relações sintáticas entre frases (criado e desenvolvido pelas gramáticas transformacionais) e c) o aumento de preocupações lingüísticas relacionadas à semântica.

Sendo assim, atualmente a paráfrase vem sendo invocada em muitos trabalhos lingüísticos, porém nem sempre o termo “paráfrase” é utilizado para

¹⁵ Mounin, G. “Dictionnaire de la linguistique”, p. 248.

designar um mesmo fenômeno, já que se trata de trabalhos heterogêneos e que partem de premissas e de concepções teóricas diferentes.

Observamos que certos trabalhos limitam o estudo deste fenômeno ao interior do sistema da língua, desconsiderando, desta forma, a linguagem em uso, os sujeitos e o contexto dos enunciados. Ao nosso ver, dar a mesma interpretação a dois enunciados constitui um problema, pois de acordo com os sujeitos e com as circunstâncias os sentidos podem variar, e é essa possibilidade que é relegada nestes trabalhos.

Podemos agrupar esses trabalhos em duas linhas teóricas distintas, a primeira que enfatiza o domínio sintático e a outra que diz respeito ao domínio semântico.¹⁶

Detemo-nos primeiro nos estudos nos quais a paráfrase é tratada como reformulações na língua, apoiando-se nos estudos sintáticos, procurando assim estabelecer equivalências entre as reformulações lingüísticas.

“... parmi les ensembles de phrases reliées par des transformations syntaxiques régulières, certains - voire tous, selon les théories - se trouvent être des ensembles de paraphrases, c'est-à-dire des ensembles de phrases censées exprimer un “même sens” au moyen d'une organisation syntaxique partiellement différente.”¹⁷

Ou seja, a preocupação aqui consiste em identificar as várias possibilidades sintáticas que permitem a elaboração ou o reconhecimento de frases que sejam interpretadas como mantendo um mesmo sentido.

Neste caso temos como exemplos frases do tipo:

É fácil fazer esta receita.

Esta receita é fácil de fazer.

¹⁶ Para fazer estas distinções nos apoiaremos nos trabalho de Catherine Fuchs.

¹⁷ Catherine Fuchs, *Paraphrase et énonciation*, ed. Ophrys. 1994, p.47

Fazer esta receita é fácil.

Ou ainda,

O cozinheiro fez o prato.

O prato foi feito pelo cozinheiro.

Esta forma de tratamento diz respeito aos estudos da sinonímia das frases. Ela está representada pela Escola de Harris e por parte da corrente Chomskiana. Observamos então um esforço por enumerar os detalhes sintáticos de correspondências regulares, disponíveis no sistema da língua, entre frases espontâneas e que contém o “mesmo sentido”.

Harris, propõe as bases para distinção entre dois processos de produção de paráfrases, onde se distinguem as de natureza lingüística e as discursivas. Sendo que esta última apresenta uma relação com o contexto.

A segunda perspectiva tem por representantes alguns autores que visam construir um modelo global de atividades de linguagem pelos sujeitos. Entre eles estão M. Igor Mel'cuk, Bernard Pottier e Antoine Culioli. Nesta abordagem, além de elencarem as formas lingüísticas da paráfrase têm a preocupação de analisar detalhadamente as relações semânticas que as unem. Aqui, a contradição pode estar presente na paráfrase, mas estes autores tentam distinguir uma invariante semântica sobre a qual são registradas diversas modificações.

Assim o lingüista ao descrever a equivalência entre frases, constrói um sistema de regras, que explicita as condições para que expressões de falantes na mesma língua tenham um mesmo sentido. A fim de estabelecer este sistema de regras o estudo da paráfrase é realizado em dois níveis: inferior à frase e superior à frase (interfrasal).

“... même si ces théories ne se veulent pas explicitement des modèles de génération (elles se prétendent en général neutres entre production et reconnaissance) il est clair

qu'elles privilégient la perspective onomasiologique: on va du 'sens' de base vers le 'texte' et non l'inverse.”¹⁸

Nesta perspectiva, portanto, analisam-se as frases partindo do sentido para o texto, ou seja, há um predomínio do sentido em relação ao texto.

Pressupõe-se nestes estudos que a representação semântica corresponde à invariância de um conjunto parafrástico unívoco, que são postulados como claros, fixos e determinados, não sendo possível nem a indeterminação nem a ambigüidade. O trabalho se dá, então, sobre frases supostamente aceitáveis e livres de ambigüidade ao nível léxico¹⁹.

Tais como:

Em junho haverá Festa Junina.

A Festa Junina será realizada em junho.

Estas concepções sobre a condição da produção e compreensão do fenômeno leva-nos a analisá-la como sendo interior à língua, sem nenhuma discriminação externa.

“Les trois postulats réducteurs ... univocité du sens, invariance référentielle et non pertinence des variations, résultent solidairement du choix d'appréhender la paraphrase en langue, à l'intérieur d'un système de la langue coupé de ses conditions d'utilisation.”²⁰

O postulado de univocidade de sentido sustenta-se no segundo postulado da invariância referencial, onde o sentido é reduzido a uma informação objetiva e a língua essencialmente a um tipo de código, já que propõe que há apenas um só

¹⁸ Ibidem, p. 73.

¹⁹ O que não correspondem às frases que compõem o nosso discurso.

²⁰ Ibidem, p. 74.

sentido para cada frase e que qualquer sujeito o reconhece, pois o referencial também não varia.

Dessa forma, as diferenças entre frases equivalentes são consideradas como não pertencentes à língua, não há questionamento sobre o porquê dessas variações, sobre seu uso pelos sujeitos, o que difere esta posição da dos autores de perspectiva clássica tradicional, para quem a análise de sinonímias não consiste somente nas diferenças semânticas, pelas quais esses termos se distinguem na língua, mas também na reflexão sobre a escolha, no discurso, do “termo preciso”, na qual o “espírito de precisão” consiste em saber selecionar entre muitos sinônimos o termo adequado à situação.

Os três postulados: univocidade do sentido, invariância referencial e não pertinência de variação, resultam em tomar a paráfrase no interior de um sistema sem considerar seu uso. Portanto a dimensão enunciativa é desconsiderada, permitindo a teorização da relação de paráfrase exclusivamente como equivalência semântica. E sendo uma relação de equivalência, de acordo com a matemática, ela pressupõe as seguintes propriedades: transitividade, simetria e reflexividade.

De acordo com a reflexividade, “A é paráfrase de A”, ou seja, toda frase é paráfrase dela mesma, já que seu sentido permanece constante: ocupa sempre um mesmo lugar no paradigma semântico. Porém, para isso é necessário que o sentido seja fixo e unívoco, caso contrário, se é susceptível de vários sentidos, não será necessariamente uma paráfrase dela mesma, será ambígua.

Em relação à transitividade, “Se B é paráfrase de A, e se C é paráfrase de A, portanto B e C são paráfrases”, mas isso não é verdade na ambigüidade, como pode ser observado no exemplo:

- (A) *A rua foi fechada pela CET.*
- (B) *A CET fechou a rua.*
- (C) *Nós fechamos a rua através da CET.*

Onde A e C não podem ser interpretadas exatamente como tendo um mesmo sentido apesar de A e B e de B e C poderem ser consideradas como paráfrases.

Em relação à simetria, temos que “Se B é paráfrase de A, logo A é paráfrase de B”, portanto a relação é não orientada, ou seja, uma frase não deriva da outra, mas sim, são co-ocorrentes e deveriam portanto ser intercambiáveis, substituíveis entre si, não sendo possível identificar a frase matriz, a fonte e sua possível derivação.

Porém, no tratamento discursivo da paráfrase, podemos observar que essas propriedades não são pertinentes. Quando a paráfrase é tratada enunciativamente, segundo Fuchs, a pesquisa parte da unidade do fenômeno parafrástico, ao investigar os mecanismos fundamentais, através dos quais o sujeito decodifica e reformula a seqüência inicial. Cabe aqui, portanto, um questionamento sobre a interpretação (que intervém tanto no reconhecimento do enunciado pelo ouvinte, como também na sua produção pelo locutor). Os enunciados são semanticamente plásticos, ou seja, susceptíveis de deformidades, de diferenças, através da interpretação, porém há uma condição de dinamismo semântico que impede de reconhecer tais enunciados como deformados ou descontínuos já que esta dinâmica semântica garante que o sujeito reconheça esses enunciados como plurívocos na língua.

Fuchs toma como referência, na elaboração de sua produção teórica sobre a paráfrase, a teoria da enunciação de Antoine Culioli, que por sua vez, define paráfrase como sendo:

“... familles d'énoncés équivalents construites de façon systématique par le linguiste, grâce à un ensemble de règles qui permettent de passer d'un agencement à un autre et de sélectionner les énoncés ayant mêmes valeurs référentielles.”²¹

²¹ Este trecho está no livro de Catherine Fuchs, *La paraphrase*, na p. 100.

Portanto, apesar de referir-se a enunciados, a idéia ainda é bastante estrutural, relacionada à língua e não ao discurso. A proposta então consiste em propor as bases de uma teoria enunciativa da paráfrase que não se dissolve numa pragmática da reformulação, mas que pode se articular a ela, através de uma atividade de estudo de lingüistas que construiriam artificialmente enunciados equivalentes de acordo com regras preestabelecidas, mantendo o mesmo valor referencial.

Na proposta enunciativa de Fuchs, o parentesco semântico entre enunciados constitui a condição necessária para uma relação de paráfrase lingüística. Neste caso, o parentesco semântico está sendo entendido como a possibilidade do sujeito reconhecer ou produzir um enunciado parafrástico em uma determinada situação discursiva.

Convém ressaltar que a relação parafrástica é considerada aqui como uma estratégia cognitivo-lingüística de sujeitos, que permite um julgamento de frases, em categorias de diferenças e semelhanças que resultam na identificação/produção de paráfrases.

Desta forma, a atividade de parafrasear é de natureza metalingüística, como já era defendida por Roman Jakobson²², como sendo uma habilidade do sujeito para identificar as características semânticas semelhantes de duas frases, ou seja, a habilidade de parafrasear é uma das atividades metalingüísticas. Convém ressaltar que para Jakobson a dimensão metalingüística é constitutiva da linguagem.

Para este autor a atividade metalingüística de parafrasear, está correlacionada principalmente ao eixo paradigmático, mas também pode estar correlacionada ao eixo sintagmático.

Quando a paráfrase está relacionada ao eixo paradigmático, o sujeito seleciona palavras diferentes para compor cada uma das frases mantendo o mesmo sentido²³, ou seja, trata-se neste caso, da seleção de uma palavra dentre

²² Em seu texto "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia", de 1956.

²³ Eis aqui um dado interessante para pensarmos posteriormente: qual a possibilidade de repetir o mesmo sentido em um outro enunciado?

todas aquelas possíveis na língua e a conseqüente não-escolha de qualquer outra palavra, que passa a ser silenciada neste discurso, sendo que o objetivo desta seleção consistiria em encontrar palavras que possibilitassem ao ouvinte a interpretação do mesmo sentido.

Já quando a relação ocorre no eixo sintagmático o sujeito combina as mesmas palavras de forma diferente em cada uma das frases, ou seja, não estamos aqui diante de uma seleção diferente, mas sim de uma combinação diferente das palavras já escolhidas pelo sujeito, com o mesmo objetivo de reproduzir o sentido da frase inicial.

Convém ainda ressaltar que para Jakobson a habilidade de produzir e de reconhecer paráfrases pode medir a competência, enquanto proficiência, do sujeito em uma determinada língua, podendo tratar-se aqui tanto da língua materna como de uma segunda língua. Desta forma, inclusive, Jakobson relata vários estudos que procuram descobrir a partir de que idade a criança adquire a habilidade de parafrasear.

Portanto, a paráfrase como atividade metalingüística tem sido há muito tempo objeto de inúmeros estudos lingüísticos.

Passaremos agora para os estudos que consideram a paráfrase como sendo uma produção discursiva, apoiados na teoria da Análise do Discurso. Michel Pêcheux, em seu texto “O discurso: estrutura ou acontecimento”, faz uso de uma análise parafrástica, a fim de apresentar o discurso como sendo estrutura e acontecimento. Convém ressaltar que Pêcheux não considera a paráfrase discursiva apresentada por Harris, mas sim, uma concepção histórico-discursiva de paráfrase.

Para Pêcheux a paráfrase deve ser tratada na Análise do Discurso, pois, segundo ele, é a partir do estudos desse fenômeno, que as estruturas e as formações discursivas podem ser compreendidas.

Assim, primeiramente nos deteremos à produção, sobre a paráfrase, presente na obra de Eni Orlandi.

Esta autora alerta, em seu texto²⁴, para a necessidade de haver um tratamento lingüístico da paráfrase, do ponto de vista discursivo, que procure analisar a paráfrase como um processo constituidor da linguagem e não apenas como simples relação de sinonímias entre enunciados.

“... seria necessário definir sobretudo o jogo entre o mesmo e o diferente, tensão entre o uno e o múltiplo. (...) a paráfrase e a polissemia são os dois grandes processos da linguagem: a *matriz* e a *fonte* do sentido, respectivamente.”²⁵

A paráfrase assim considerada, não é tratada como uma repetição termo a termo de correspondência inequívoca, onde o sentido ficaria preservado mesmo que as relações paradigmáticas ou sintáticas fossem alteradas. Portanto, é tomada como um processo de constituição da língua, em que o sujeito ao estar submetido a esta estrutura pode, ao seu turno, apresentar produções diferentes, mesmo que para isso repita um enunciado já produzido, não podendo assim, nesta análise, desprezar-se nem o sujeito enunciador, nem aquele a quem ele se remeta e tampouco as condições de produção de seu discurso. Assim sendo, nem mesmo uma produção parafrástica, pode garantir ou permitir que o sentido original seja mantido.

Nesta perspectiva, a paráfrase e a polissemia são fenômenos entrelaçados, a medida que, mesmo que a paráfrase tente manter o sentido sem alterações ao produzi-lo em enunciados diferentes, cada enunciado, por sua vez, já contém em si múltiplos sentidos, devido ao seu aspecto polissêmico que permite uma pluralidade de interpretações possíveis.

A Análise do Discurso é tomada aqui não como apenas mais um nível lingüístico, mas como um ponto de vista diferente que tem como noção

²⁴ Estamos nos referindo neste momento, especificamente ao texto *Funcionamento e Discurso*, de 1981, onde a autora analisa a paráfrase no funcionamento discursivo.

²⁵ *Ibidem*, p. 116.

fundamental a idéia de funcionamento, ou seja, a preocupação é considerar o modo de funcionamento da linguagem, inclusive não só em seu aspecto lingüístico.

Nesta perspectiva a língua passa a ser a condição necessária para a possibilidade do discurso, portanto ela compõe parte da análise parafrástica que não se exaure nela.

Ao analisar um conjunto de paráfrases Orlandi afirma:

“As diferentes paráfrases estabelecem diferentes relações de interlocução. Nas construções estão as marcas com que o sujeito se representa e ao seu interlocutor.”²⁶

As paráfrases assim demonstram as marcas discursivas do sujeito relacionadas à sua história, aos papéis sociais desempenhados ideologicamente, o papel que o outro ocupa na produção discursiva do falante e as possibilidades da língua para a produção do discurso.

Na Análise de Discurso não há a possibilidade do repetível, como representante do mesmo sentido, onde mesmo nas paráfrases “não há o mesmo no diferente, isto é, formas diferentes significam diferentemente”, um sentido não se repete no discurso, já que a cada nova enunciação estamos diante de um novo acontecimento discursivo. A paráfrase pode ser entendida assim, como um “retorno constante a um mesmo espaço dizível”.²⁷

No trabalho²⁸ de Silvana Serrani, que se detém no funcionamento das paráfrases na construção discursiva da representação da língua em sujeitos emigrantes, nas polêmicas sobre o tema língua, encontramos o conceito de *ressonância interdiscursiva* e de *esquemas interdiscursivos de repetibilidade*. Neste trabalho a autora define a paráfrase como sendo:

²⁶ Ibidem, p. 125.

²⁷ Ibidem, p. 122.

²⁸ Estamos nos remetendo aqui principalmente à tese de doutoramento da autora, que se encontra publicado pela Editora da UNICAMP sob o título de “A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade”.

“ ressonância interdiscursiva de significação que tende a construir a realidade (imaginária) de um sentido”²⁹

Vista dessa forma, o sentido da paráfrase é constituído no interdiscurso, a partir das ressonâncias que permeiam o universo simbólico do sujeito. Neste caso ressoam no eixo paradigmático e são concretizadas no eixo sintagmático, através de cada enunciado.

“... o *esquema interdiscursivo de repetibilidade* (...) do que representar a forma do repetido, representa as relações entre as formas que tendem à construção da realidade (imaginária) de um sentido e seus funcionamentos discursivos.”³⁰

A autora propõe metodologicamente a distinção entre dois tipos de ressonâncias de significação, uma que é analisada no intradiscurso (unidades específicas) e uma segunda que se refere ao interdiscurso (modos de dizer). Sendo que a análise contempla a estrutura da língua e os efeitos de sentido decorrentes da repetição, respectivamente.

Por outro lado, o trabalho de Jacqueline Authier-Revuz, ancorado não só na Linguística, mas também na Análise do Discurso e na Psicanálise, discorre por vezes sobre a questão da repetição, não especificamente no que se refere à paráfrase, mas contribuindo de forma significativa para a análise dos enunciados parafrásticos, presente neste trabalho. Principalmente no que se refere aos conceitos de *heterogeneidade constitutiva* e *heterogeneidade mostrada*.

Após este percurso pelas possibilidades de análise da paráfrase, podemos dizer que a nossa forma de tratamento e apropriação do fenômeno parafrástico será o de considerá-lo como uma produção enunciativa do sujeito, sendo que

²⁹ Ibidem, p. 16.

³⁰ Ibidem, p. 48.

assim, nos apoiaremos na Análise de Discurso e nos estudos enunciativos, tendo por referência principalmente os trabalhos de Benveniste, Eni Orlandi, Silvana Serrani e Jacqueline Authier-Revuz, o que nos remeterá por conseguinte à Psicanálise, enquanto teorização acerca do sujeito, e à Lingüística devido à materialidade da língua. Enfatizamos porém que nossa análise recairá principalmente sobre a intradiscursividade.

Capítulo II

A afasia como problema lingüístico

Neste capítulo procuraremos apresentar, de forma sistemática, a importância dos estudos lingüísticos para a compreensão dos problemas de linguagem, quando estes são tomados como objeto de tais estudos. Assim, a questão a ser aqui discutida é o problema de linguagem enquanto um problema para a Lingüística. Ocupar-nos-emos então dos autores que tomaram a afasia, como um problema de linguagem, por objeto de estudo. Para tanto, selecionamos a abordagem articulada por dois lingüistas para compor este capítulo, obedecendo como critério de seleção a amplitude do trabalho de cada um deles. O primeiro (e aqui devemos ressaltar que se trata de um dos pioneiros a ocupar-se da afasia) trata-se do russo Roman Jakobson, que desenvolveu estudos nesta área procurando destacar as perturbações da linguagem como sendo relativas aos aspectos fonético, fonológico, sintático e semântico. O segundo autor abordado neste capítulo será a lingüista brasileira Maria Irma Hadler Coudry que em seu trabalho com pacientes cérebro-lesados, analisa a produção enunciativa enquanto sintomas da afasia do ponto de vista discursivo.

Nesta direção que apontamos agora, podemos já encontrar o trabalho do

lingüista Dubois³¹ discutindo a obra de Jakobson destaca que “la classification des aphasies doit reposer sur des critères exclusivement linguistiques et on ne doit pas y mêler des considérations physiologiques.”³² Sendo que esta orientação se deve ao fato, já assinalado acima, de que a afasia é reconhecida como uma alteração problemática da linguagem. Desta forma, nada mais adequado do que creditarmos aos estudos advindos da Lingüística uma colaboração imprescindível. Assim, Jakobson ao escrever que:

“...la afasia es ante todo una desintegración de la lengua, y puesto que los lingüistas se ocupan de la lengua, son ellos quienes tienen que decirnos cuál es la naturaleza exacta de esas diferentes desintegraciones.”³³

traz à tona uma afirmação pertinente, mas também provocadora, no sentido de conclamar os lingüistas a ocuparem-se deste objeto. Esta afirmação de Jakobson só tornar-se-á possível por sua inserção e comprometimento com o modelo estruturalista e, antes ainda, com uma tradição funcionalista, que pode ser representada por Iván Petrovich Pavlov quando este postula, em relação aos processos patológicos, a possibilidade de se destacar a partir deste aspecto a funcionalidade dos processos normais, afirmando que,

“...o patológico põe a descoberto, desmembrando e simplificando, o que para nós estava oculto, inteiro e indivisível, na fisiologia normal.”³⁴

³¹ Neste texto, “De la linguistique a la neurolinguistique: 1939-1976”, Dubois faz uma retrospectiva dos estudos lingüísticos sobre a afasia entre as décadas de 30 a 70, na revista *Langages* 47, organizada por ele próprio, que teve como temática a afasia e a agrafia.

³² *Ibidem*, p.4.

³³ Este extrato foi selecionado do texto “Sobre las perturbaciones afásicas desde el punto de vista lingüístico” de Jakobson, publicado em inglês em 1980. O texto aqui citado foi extraído do livro “El marco del lenguaje” traduzido pela Fondo de Cultura Económica em 1996.

³⁴ Esta citação foi retirada do texto “A organização cerebral da atividade verbal. Patologia da enunciação verbal” de A.R. Luria, onde este a utiliza para reforçar sua tese de que o processo patológico pode e deve

Esta observação ressalta a validade dos estudos sobre os fenômenos alterados por processos patológicos, ao enfatizar que eles colocam em relevo e nos oferecem, assim, uma possibilidade singular para a compreensão do funcionamento normal da linguagem.

2.1. A afasia nos estudos de Roman Jakobson

Realizada esta exposição de caráter introdutório, cabe-nos agora, ocuparmo-nos mais detalhadamente das contribuições dos estudos sobre a afasia de Jakobson. Este lingüista dedicou uma série de trabalhos sobre este tema de forma direta e indireta. Em sua obra iremos destacar apenas os trabalhos que foram centrados no estudo e classificação da afasia, não ignorando, contudo, a importância que desempenhou seus estudos sobre a poética, o cinema e a pintura em função dos fenômenos lingüísticos problematizados nestas formas de expressão, como a metáfora e a metonímia (que correspondem ao eixo da contigüidade e similitude) e que o levaram a pesquisar a afasia encontrando, nesta perturbação de linguagem, a alteração dos mesmos fenômenos lingüísticos. Jakobson chega até mesmo a afirmar que o estudo do fenômeno de perturbação afásica possibilita uma compreensão da estrutura da língua.

“Um estudo lingüístico da afasia, que está estreitamente ligado à teoria da língua em geral e da linguagem poética em particular, contribui, de maneira considerável, não só para a classificação das afecções afásicas como também para a compreensão da estrutura da língua...”³⁵

contribuir para o estudo dos estados normais. Este texto encontra-se no livro “Pensamento e Linguagem - as últimas conferências”, editora Artes Médicas de 1987.

³⁵ Jakobson faz esta afirmação em um diálogo com Krystyna Pormorska em 1980, que foi reunido no livro “Diálogos”, da editora Cultrix, publicado em português em 1985. O diálogo de onde foi extraído esta citação tem por tema “Similitude e contigüidade na língua e na literatura, no cinema e na afasia”.

Para analisar as contribuições de Jakobson efetuaremos uma divisão de seus trabalhos em três fases distintas. Esta divisão já foi proposta por Antonio Firmino de Paiva em seu texto “A importância da lingüística para o estudo da patologia da linguagem”, no qual efetua uma classificação das contribuições de Jakobson em fases distintas, procurando enfatizar em cada uma delas uma perspectiva teórica pela qual o autor aborda a afasia. Sendo assim, a primeira fase compreende as reflexões publicadas no livro “Kindersprache, Aphasie und allgemeine Lautgesetze”³⁶ (1941) onde aparece uma visão unitária da descrição do fenômeno afásico; a segunda é caracterizada em seu texto “Two aspects of language and two types of aphasic disturbances”³⁷ (1956) que compõe o livro “Fundamental of language”, onde já aparece uma visão dicotômica do fenômeno afásico e, por fim, a terceira fase, que reúne os textos “Towards linguistic classification of aphasic impairments” (1964) e “Linguistic types of aphasia”³⁸ (1966), na qual está presente uma classificação mais extensa, baseada na classificação neurológica de Luria sobre os tipos de afasia.

2.1.1. Um primeiro contato com a afasia

Na primeira fase, seu estudo caracteriza-se por ter uma concepção unitária da afasia, e baseia-se numa descrição do ponto de vista fonológico. Assim, nesta fase, Jakobson descreve lingüisticamente a fala do sujeito afásico encontrada na literatura de sua época, enfocando sobretudo o aspecto fonológico, ou seja, as alterações referentes às unidades sonoras distintas dos fonemas. Suas

³⁶ Para este trabalho adotamos a tradução francesa, do texto de Roman Jakobson, publicada em 1980 pela editora Flammarion no livro “Langage enfantin et aphasie”, sob o título de *Langage enfantin aphasie e lois générales de la structures phonique*.

³⁷ Adotamos aqui a tradução para o português de Izidoro Blikstein para a editora Cultrix que aparece no livro “Lingüística e Comunicação”, sob o título de “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”.

³⁸ Utilizamos a tradução francesa, conforme nota citada acima, de Roman Jakobson sob o título de *Vers une typologie linguistique des troubles aphasiques e Types linguistiques d'aphasie*.

reflexões, portanto, não apontam, neste momento, o objetivo de elaborar uma classificação, mas sim de descrever as produções linguísticas de qualquer tipo de afasia. Desta forma, Jakobson apresenta uma concepção unitária sobre esta problemática, fato este que nos permite constatar um estágio inicial de suas pesquisas, mas responsável por trazer reflexões de suma relevância.

Assim sendo, através desta descrição, Jakobson propõe a existência de uma analogia entre a aquisição de unidades capazes de diferenciar as unidades sonoras dos fonemas na linguagem infantil e a perda ou desintegração dos mesmos nos afásicos, de tal forma que afirma:

“Le démantèlement du système phonique chez l’aphasique reflète exactement le développement du système phonique du langage enfantin.”³⁹

No tocante a esta discussão, o autor destaca ainda que, a desintegração das unidades fonológicas no sujeito afásico ocorre na ordem inversa em que foram adquiridas pela criança.

“Or, on voit au contraire que les acquisitions phoniques de l’enfant et les troubles phoniques de l’aphasique se fondent sur les mêmes lois phoniques et l’histoire des sons de toutes les langues du monde.”⁴⁰

Esta elaboração, na qual o desmantelamento da linguagem do afásico corresponde à ordem inversa à da aquisição pela criança, encontra-se fundamentada na idéia de estrutura presente no corpo teórico do estruturalismo. Esta corrente de pensamento atribui ao desenvolvimento humano uma característica de ser uma construção progressiva composta por etapas sucessivas e

³⁹ R. Jakobson em *Langage enfantin aphasie e lois générales de la structures phonique*, p. 65, em obra já citada anteriormente.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 99.

interdependentes, e que no adoecimento, segundo Foucault,⁴¹ em um de seus primeiros trabalhos, ocorre uma regressão às etapas anteriores do desenvolvimento humano, seja ele intelectual, social ou emocional. Desta maneira, convém registrar que neste processo de adoecimento há uma série de estruturas que são abolidas e outras estruturas que serão realçadas.

Em consonância com esta orientação, Jakobson irá concluir que na afasia, ocorre, uma nova estruturação e não apenas uma desintegração da capacidade lingüística do sujeito.

“L’aphasique n’offre pas simplement un démantèlement de son système antérieurement plus riche, mais parfois même une restructuration.”⁴²

Podemos inferir, levando em conta as preocupações que nortearam este primeiro estudo de Jakobson, que neste momento faz uso de pesquisas sobre as afasias como forma de discutir a aquisição da linguagem por parte da criança em seus primeiros contatos com a língua.

2.1.2. A primeira classificação da afasia

Já na segunda fase, composta pelo texto “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, Jakobson passa a ter uma visão dicotômica da afasia, e não mais unitária, como na fase anteriormente descrita, afirmando no início de seu texto que “toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem”⁴³. Apresenta, assim, os problemas afásicos como sendo

⁴¹ Foucault, M. “Doença Mental e Psicologia”. 5ª edição, Ed. Tempo Brasileiro. 1994.

⁴² R. Jakobson em *Langage enfantin aphasie e lois générales de la structures phonique*, p. 37, em obra já citada anteriormente.

⁴³ Jakobson em *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*, p. 34, presente no livro “Lingüística e Comunicação”.

de dois tipos distintos, de acordo com as características lingüísticas presentes em cada um deles. Convém ressaltar também, que neste momento não só o aspecto fonológico é considerado na descrição da linguagem na afasia, mas também os aspectos: lexicais e sintáticos.

Esta maior amplitude dos aspectos lingüísticos estudados no fenômeno afásico só se torna possível, neste contexto, devido à concepção de linguagem à qual Jakobson passa a postular: um fenômeno composto por uma organização de estruturas sucessivas, sobrepostas e interdependentes, mas que se distinguem por suas unidades mínimas. Tal concepção permite a Jakobson verificar uma escala ascendente de liberdade de escolha por parte do sujeito na elaboração de sua fala, ou seja, partindo do fonema até atingir o discurso passando pelas unidades morfológicas, lexicais, sintáticas e semânticas.

“Na combinação de traços distintivos em fonemas, a liberdade individual do que fala é nula (...). A liberdade de combinar fonemas em palavras está circunscrita (...). Ao formar frases com palavras, o que fala sofre menor coação. E, finalmente, na combinação de frases em enunciados, cessa a ação das regras coercivas da sintaxe e a liberdade de qualquer indivíduo para criar novos contextos cresce substancialmente...”⁴⁴

Em conjunção a esta concepção de linguagem, este lingüista apresenta uma formulação acerca da estrutura da língua, objetivando através dela classificar as perturbações encontradas no discurso afásico. Dentro desta estrutura, os signos lingüísticos relacionam-se de duas formas, por combinação e por seleção. Assim, na combinação, cada unidade lingüística serve de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade lingüística mais complexa, enquanto que na seleção, ocorre a substituição de signos lingüísticos equivalentes num aspecto e diferente em outro. Cabe-nos aqui destacar a relação

⁴⁴ R. Jakobson em *Dois Aspectos da Linguagem e dois tipos de afasia*, p. 39.

existente entre o modelo proposto por Jakobson e a natureza do signo lingüístico apresentada por Saussure como relações sintagmáticas e associativas, sendo que estas ocorrem em presença e em ausência⁴⁵, respectivamente.

Deste modo, Jakobson estabelece que se há duas formas de relações entre os signos lingüísticos, os distúrbios correspondentes a cada uma delas caracterizam dois tipos diferentes de afasia. Sendo que as alterações referentes à relação de seleção constituem o distúrbio da similaridade, e as alterações de combinação produzem o distúrbio da contigüidade, enfatizando que “toda forma de distúrbio afásico consiste em alguma deterioração, mais ou menos grave, da faculdade de seleção e substituição...” (p.55). Jakobson destaca também a necessidade de descrever qual das relações encontram-se alteradas e em que grau. Esta descrição torna-se importante pela possibilidade de encontrar-se uma ou as duas alterações concomitantemente e em graus variados em um mesmo sujeito afásico.

“...os distúrbios da fala podem afetar, em graus diversos, a capacidade que o indivíduo tem de combinar e selecionar as unidades lingüísticas e, de fato, a questão de saber qual das duas operações é principalmente afetada se revela ser de primordial importância para a descrição, análise e classificação das diferentes formas de afasia.”⁴⁶

No distúrbio da similaridade, relacionado à seleção e substituição de signos lingüísticos, o sujeito apresentaria incapacidade de respeitar as regras sintáticas e de empregar palavras com função meramente gramatical devido ao fato de estar impossibilitado de selecionar adequadamente as palavras no eixo paradigmático que compõem o seu léxico.

⁴⁵ Jakobson assinala esta postulação saussureana, destacando apenas a característica dessas relações serem “in praesentia” ou “in absentia”.

⁴⁶ Ibidem nota 12, p. 41.

“...quanto mais uma palavra depender de outras da mesma frase (*sintagma*⁴⁷) e quanto mais se relacionar com o contexto sintático menos afetada será pelo distúrbio da fala (*similaridade*).”⁴⁸

Dessa forma, para Jakobson, neste distúrbio o contexto exerce um papel primordial na produção lingüística deste sujeito. Sendo assim, o sujeito apresentaria facilidades para completar frases ou continuar uma conversa, enquanto apresentaria dificuldades em compreender um discurso fechado, em emitir uma frase que não seja resposta ou a uma réplica do interlocutor ou uma situação efetivamente presente. Outra característica que se encontra alterada neste tipo de distúrbio é a metalinguagem, e que pode ser verificada na incapacidade de nomeação e de tradução (inter ou intra-língua) por parte deste sujeito.

Já no distúrbio de contigüidade, correlacionado à combinação dos signos lingüísticos, ou seja, relativo à dificuldade em organizar os elementos dentro da relação sintagmática, pode esta ocorrer na combinação de palavras em unidades superiores ou entre a palavra e seus constituintes. O sujeito afásico apresentaria incapacidade de empregar palavras independentes do contexto e também de formar predicções de identificação, pelo fato de perder as regras sintáticas da língua.

“Quanto menos uma palavra depender gramaticalmente do contexto, tanto mais forte será a sua persistência no discurso dos afásicos com distúrbio da função de contigüidade, e tanto mais rapidamente será eliminada pelos pacientes que sofrem de distúrbios da similaridade”⁴⁹

⁴⁷ As palavras em itálico são inserções próprias.

⁴⁸ Ibidem nota 12, p.43.

⁴⁹ Ibidem, p. 51.

Neste tipo de distúrbio, segundo Jakobson, a extensão e a variedade das frases diminuem, ocorrendo um empobrecimento⁵⁰ na capacidade de comunicação por parte do sujeito afásico. Podendo-se verificar que este distúrbio de contigüidade ocasiona um caos na produção lingüística deste sujeito, que pode ser observado através da desordenação dos sintagmas, e também através da dissolução dos vínculos de coordenação e subordinação gramatical.

A analogia entre aquisição e perda da linguagem, neste momento para Jakobson, aparece não apenas relacionada ao nível fonológico, conforme apresentado acima, mas também no que diz respeito ao nível gramatical, já que agora foram pesquisadas as alterações encontradas na afasia referentes às relações sintagmáticas e associativas.

“Essa regressão⁵¹ acarreta uma inflação de homônimos e um empobrecimento do vocabulário. Quando essa dupla incapacidade - fonológica e léxica - se acentua ainda mais, os últimos resíduos de fala são enunciados reduzidos a uma só frase, uma só palavra, um só fonema...”⁵²

Ainda neste momento, Jakobson irá discorrer sobre a relação existente entre as figuras de linguagem - metáfora e metonímia - e os tipos de afasia. Assim, existiria uma correlação entre o sujeito afásico com distúrbio de similaridade e a metáfora, onde este sujeito encontra-se impossibilitado de fazer uso da metáfora em sua produção lingüística. Nos sujeitos com distúrbio de contigüidade ocorre a impossibilidade de produzir metonímias.

⁵⁰ Porém, neste trabalho acreditamos que não se trata de um empobrecimento, mas sim de uma nova organização, decorrente do desmantelamento da linguagem.

⁵¹ A regressão à qual Jakobson faz referência aqui, consiste em uma regressão gradual dentro do sistema fonológico do sujeito. Aparece novamente aqui, a correlação que já está presente no primeiro momento, descrito acima por nós, entre a aquisição da linguagem pela criança e a perda por parte do sujeito afásico.

⁵² Ibidem nota 12, p. 54.

“A metáfora é incompatível com o distúrbio da similaridade e a metonímia com o distúrbio da contigüidade.”⁵³

Jakobson correlaciona essas duas figuras de linguagem com aspectos relativos à arte, como o cinema, a pintura e a literatura, conforme seu interesse em estudar a metáfora e a metonímia não só na linguagem, mas também em outros sistemas semiológicos.

Finalmente, Jakobson aponta para a necessidade de uma pesquisa interdisciplinar sobre esses fenômenos de linguagem, envolvendo a Psicopatologia, Psicologia, Linguística, Poética e Semiótica por afirmar ser de primordial importância tal estudo para a compreensão do comportamento verbal e ainda do comportamento humano em geral.

2.1.3. A classificação lingüística da afasiologia de Luria

Em sua terceira fase, nos artigos “Vers une typologie linguistique des troubles aphasiques” e “Types linguistiques d’aphasie” Jakobson critica a distinção unitária e quantitativo-gradual de classificação das afasias e elabora uma nova classificação que contém seis formas de afasias com critérios lingüísticos qualitativamente diferentes entre si. Esta nova classificação, na verdade, é uma adaptação lingüística dos tipos de afasia propostos por Luria. Este autor elaborou uma classificação das afasias tendo como critério o papel das unidades corticais e zonas no sistema funcional da fala e da linguagem. Sua classificação e a de Jakobson sofreram mútuas influências, e é a Luria que Jakobson credita o reconhecimento da importância de utilizar critérios lingüísticos no estudo da afasia.

Visando ilustrar este discurso, é oportuno mencionar que os tipos de afasia propostos na classificação de Luria são:

⁵³ Ibidem, p. 55.

- ♦ afasia dinâmica - correlacionada a lesões nos lobos frontais, o problema primário corresponde à ligação entre concepção inicial de um esquema verbal e a fala externa, atinge portanto a zona terciária;

- ♦ afasia motora eferente - a área cortical lesada corresponde à área pré-central, zona secundária, e o sujeito apresenta dificuldades com movimentos seqüenciais elaborados;

- ♦ afasia motora aferente - lesão na área pós-central, zona secundária, as dificuldades são relativas à aferenciação cinestésica motora;

- ♦ afasia sensorial - a área cortical lesada corresponde à superior, lóbulo temporal posterior, zona secundária e as dificuldades surgem em relação à discriminação entre fonemas;

- ♦ afasia acusticomnésica - lesão no lóbulo temporal médio, zona secundária, o sujeito apresenta dificuldades de memória audioverbal;

- ♦ afasia semântica - as áreas corticais lesadas correspondem à zona parietal pósteroinferior e à zona parietal-temporo-occipital, zona terciária, o sujeito apresenta dificuldades na apreciação de estruturas lógico-gramaticais;

A classificação de Lúria recebe as seguintes descrições lingüísticas, segundo Jakobson:

- ♦ afasia eferente - o afásico apresenta um estilo telegráfico de fala, onde as palavras mantêm-se independentemente do contexto, e não faz uso das palavras gramaticais, como as preposições, conjunções ou pronomes;

- ♦ afasia sensorial - o afásico demonstra maior dificuldade com as palavras do sujeito no início das frases, porém não apresenta alterações quanto às palavras gramaticais;

- ♦ afasia dinâmica - observa-se dificuldades no sujeito em mudar expressões lingüísticas para não lingüísticas e em concatenar frases;

- ♦ afasia semântica - o afásico utiliza-se mais de conhecimentos sintáticos da língua do que de conhecimentos morfológicos;

♦ afasia aferente - o sujeito apresenta dificuldades em distinguir os fonemas perceptualmente por não mais ser capaz de compor simultaneamente os traços distintivos dos fonemas;

♦ afasia amnésica - observa-se dificuldades no afásico em compreender coordenações ou junções nas frases.

Após descrever linguisticamente os tipos de afasia de acordo com a classificação de Luria, Jakobson agrupa-os em apenas três tipos, de acordo com três dicotomias que estabelece: combinação ou contigüidade e seleção ou similaridade; limitação e desintegração; e seqüência ou sucessividade e concorrência ou simultaneidade.

De acordo com essa nova classificação, os tipos de afasia passam a ser classificados de acordo com estas dicotomias, ou seja:

	combinação	similaridade	limitação	desintegração	sucessividade	simultaneidade
eferente	●			●	●	
sensorial		●		●		●
dinâmica	●		●		●	
semântica		●	●			●
aferente	●		●			●
amnésica		●		●	●	

Para Jakobson, portanto, a afasia eferente consiste num distúrbio de combinação ou de contigüidade com extensão desintegrativa. A afasia sensorial caracteriza-se por um distúrbio de seleção ou de similaridade, com extensão desintegrativa. A afasia dinâmica e semântica apresentam-se como formas brandas da afasia eferente e sensorial, respectivamente, porém restritivas quanto à extensão. A afasia aferente é reconhecida como um distúrbio de contigüidade no

âmbito da simultaneidade. A afasia amnésica consiste num distúrbio de seleção no âmbito da sucessividade.

Nesse estudo não podemos deixar de destacar, como o fez Aura Kagan e Michel M. Saling⁵⁴, que a sistematização de Jakobson causou repercussões na forma e classificação da afasia por Luria. Este, por sua vez, passou a classificar as afasias, utilizando conceitos lingüísticos, fazendo correlações anatômicas entre o eixo paradigmático e a zona cortical anterior e entre o eixo sintagmático e a zona cortical posterior, não excluindo contudo a possibilidade, dada a sua concepção funcional do cérebro, da ocorrência de uma lesão em uma determinada área ocasionar alterações sintagmáticas e ou paradigmáticas.

Constata-se, portanto, uma grande mudança no modo de analisar o objeto em questão durante os estudos de Jakobson, desde uma visão descritiva, porém unitária, da linguagem do afásico, até as classificações, inicialmente sistematizadas em apenas dois tipos, até esta última mais extensa.

Desta forma, percebemos que estes estudos de Jakobson, que foram objeto de análise neste capítulo, serão de grande valia para a análise do *corpus* deste trabalho, principalmente no que se refere as alterações correlacionadas aos eixos sintagmático e paradigmático da linguagem.

Como nosso estudo considera a paráfrase como uma produção enunciativa do sujeito e como tomamos aqui posições da Análise de Discurso, consideramos a seguir os trabalhos sobre a afasia de uma pesquisadora brasileira, que também buscou na Análise de Discurso os elementos para sua pesquisa. Vamos nos deter então nos estudos⁵⁵ de Maria Irma Hadler Coudry.

2.2. Uma abordagem discursiva no estudo da afasia

⁵⁴ Esta observação foi feita recentemente (1992), por estes autores que produziram um livro, editado em português pela Artes Médicas, em 1997, sob o título Uma Introdução à Afasiologia de Luria.

⁵⁵ Os estudos que iremos nos deter aqui, consistem em trabalhos elaborados pela autora desde a década de 80, sendo que alguns deles foram elaborados com colaboração de Edwiges Maria Morato e Sirio Possenti.

A lingüista Maria Irma Hadler Coudry, há muitos anos vem dedicando-se ao estudo do discurso afásico, através de acompanhamento longitudinal de sujeitos cérebros-lesados no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL - UNICAMP). O objetivo desta autora no estudo da afasia consiste em investigar os processos lingüísticos alterados e destacar nestes as estratégias específicas de cada sujeito frente a estas alterações.

“O interesse pelo estudo das afasias tem sido o de investigar, por meio do acompanhamento longitudinal e da análise dos mecanismos lingüístico-cognitivos, os processos de significação alterados e quais as alternativas de que o sujeito lança mão na superação de suas dificuldades”⁵⁶

Coudry segue um modelo de estudo longitudinal, que se dá através de um acompanhamento de cada sujeito afásico, durante tempo indeterminado, a fim de que possam ser observadas as modificações lingüísticas ocorridas, tornando possível, desta forma, a investigação da linguagem de cada sujeito, e não apenas uma simples rotulação de acordo com classificações afasiológicas. Para Coudry, tais classificações não permitem compreender as características lingüísticas do sujeito, o que só é possível ser observado através de análises orientadas discursivamente sobre situações de funcionamento da linguagem⁵⁷. As análises lingüísticas realizadas por esta autora, apoiam-se no conceito de discurso como um acontecimento discursivo de acordo com a definição dada por Pêcheux em seu livro “*O discurso - estrutura ou acontecimento*”, de 1983.

Coudry procura não apenas descrever os desvios da linguagem do afásico em relação ao sistema lingüístico utilizado pelos sujeitos que não apresentam lesão, uma vez que, para ela não existe um sujeito médio ideal, que possa servir de

⁵⁶ Esta citação foi extraída do texto *Aspectos discursivos da afasia*, p. 132, publicado no “Cadernos de Estudos Lingüísticos” n. 19 em 1990. Este artigo foi realizado em colaboração com Edwiges M. Morato.

⁵⁷ Situações estas nas quais a linguagem aparece em funcionamento.

padrão, mas também por ter como objetivo observar e investigar quais e como são as estratégias utilizadas pelo sujeito de acordo com a atividade apresentada em função de suas dificuldades afásicas.

“... apreender no discurso verbal e mental (mesmo quando fragmentário) os modos pelos quais o sujeito afásico organiza e estrutura os recursos expressivos de que dispõe ou os mecanismos alternativos pelos quais ele supre suas próprias dificuldades, de descobrir, pelos indícios de sua fala e pelas suas manifestações explícitas, as hipóteses que ele mesmo faz a respeito dessa estruturação e dos mecanismos que ele põe em jogo para produzir significações, de definir com acuidade o lugar de suas dificuldades ...”⁵⁸

Dessa forma, seu estudo analisa as produções lingüísticas de um mesmo sujeito em momentos e situações diferentes, o que se torna possível através do estudo longitudinal, e pelo fato de que a cada sessão⁵⁹ estratégias diferentes são propostas ao sujeito afásico, a fim de observar o funcionamento de sua linguagem. A referência destas análises não ocorrem frente a um sujeito ideal, mas sim frente a este mesmo sujeito antes da lesão cerebral⁶⁰.

A correlação entre aquisição e perda da linguagem, já discutida anteriormente, no estudo de Jakobson, também aparece aqui, no trabalho de Coudry, que revaloriza a presença das marcas de interação social na aquisição de

⁵⁸ Esta afirmação faz parte da apresentação realizada no GEL de 1994 sob o título de “Princípios protocolares e avaliação neurolingüística”.

⁵⁹ Os sujeitos afásicos estudados participam do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), que consiste em encontros semanais entre um grupo heterogêneo de afásicos e pesquisadores que propõem atividades a fim de observarem o funcionamento da linguagem de cada sujeito e as estratégias utilizadas por estes em cada nova situação.

⁶⁰ No CCA, também há a investigação quanto às manifestações lingüísticas do sujeito afásico antes da lesão cerebral, através de questionamento ao próprio sujeito, aos familiares ou ainda recorrendo a registros audiovisuais anteriores, que servem como referência às suas produções lingüísticas atuais.

linguagem pela criança e na reconstrução da linguagem pelo sujeito afásico permitem analisar o papel regulador da linguagem. Desse modo, esta autora dá grande importância aos estudos de aquisição de linguagem, de perspectiva sócio-interacionista⁶¹, para suas pesquisas.

Quanto ao processo terapêutico, Coudry propõe que nele ocorre uma reconstrução da linguagem, um estabelecimento da ordem, no qual a busca se dá pelo mesmo e não por uma nova aquisição por parte do sujeito. Nesse processo o pesquisador atua como um interlocutor que procura propiciar esta reconstrução junto a este sujeito.

Uma das estratégias utilizadas pela pesquisadora consiste no uso de piadas que possibilitam investigar quais os níveis lingüísticos afetados e quais os níveis que permanecem preservados. Esta estratégia, por tratar de uma atividade metalingüística, permite verificar os níveis lingüísticos separadamente, tais como o nível fonológico ou sintagmático, por exemplo. Outra vantagem dessa estratégia deve-se ao fato de ser uma atividade lingüística efetiva de uso social.

O processo de reconstrução baseia-se na importância de saber uma língua, para através dela constituir-se e produzir enunciações, sendo que a língua é tomada como produto de trabalho coletivo e histórico.

Dentro desta perspectiva, Coudry credita aos testes padronizados e às diversas classificações afasiológicas uma importância relativa pelo fato destes instrumentos terem a vantagem de permitir a constatação de mudanças ocorridas nas manifestações de sujeitos afásicos, inclusive quantitativamente, porém com a desvantagem de não possibilitarem a descrição de forma precisa das observações feitas de cada sujeito afásico, propiciando assim, apenas um rótulo. Sendo, portanto, formas insuficientes para a avaliação da afasia; ao contrário, a proposta de análise discursiva da afasia presente no trabalho de Coudry possibilita uma observação mais minuciosa de cada sujeito afásico. Esta observação ocorre durante todo o processo e não de forma estanque como avaliação para posterior

⁶¹ Referindo-se aqui às pesquisas realizadas no IEL-UNICAMP no núcleo de Aquisição de Linguagem, sob a coordenação de Claudia T. G. Lemos.

encaminhamento terapêutico⁶², ocorre portanto a cada novo contato do sujeito afásico com seu interlocutor, a cada nova situação de linguagem.

⁶² Forma geralmente utilizada na Terapêutica Tradicional, conforme descrito por Regina Jakubovicz e Regina C. Meinberg, 1985, no livro “Introdução à Afasia”.

Capítulo III

Discurso e Sujeito: implicações do dizer

Dedicamo-nos aqui a estruturar um campo discursivo que possibilite a análise que nos propomos como meta neste trabalho. A análise da paráfrase, tida como essencial no que diz respeito às questões referentes à linguagem⁶³, trata de um fenômeno que promove o entrecruzamento de várias disciplinas. Sendo que estas debruçam-se para traçar os limites e compreender as possibilidades de sentidos contidos nas paráfrases. Procuramos trazer desses campos de saber aportes conceituais que viabilizem este projeto. Assim, voltamo-nos para a Teoria da Enunciação, para a Análise de Discurso e conseqüentemente a Psicanálise, onde esta encontra-se implicada por discorrer sobre a constituição do sujeito.

Estes domínios, cada um a seu turno, ocupam-se da linguagem e de sua relação com as produções discursivas, sendo que produzem, dentro de suas especificidades, recortes particulares, cuja abrangência analítica recobre aspectos fundamentais para a compreensão do fenômeno lingüístico aqui estudado. Não sendo, no entanto, divergentes, à medida que se ocupam de cortes determinados,

⁶³ Conforme tem sido apresentado diversas vezes na obra de Pêcheux e Orlandi, e já salientado neste trabalho anteriormente.

ou seja, a estrutura da produção discursiva na implicação com o *Outro*, na dimensão histórica/ideológica que fomenta as produções discursivas e na condição de existência do discurso à medida que revela o Outro presente na constituição da linguagem do sujeito.

Os estudos enunciativos de Benveniste apresentam-nos uma formulação acerca da enunciação na qual estão envolvidos o sujeito que fala, o outro a quem se fala, além da língua, com a qual se fala. A enunciação é vista portanto como a conversão individual da língua em discurso, sendo que esta só o é à medida que se materializa, funcionando assim como base estrutural para as produções discursivas de um dado sujeito.

“... a língua é uma estrutura socializada, que a palavra sujeita a fins individuais e intersubjetivos, juntando-lhe assim um perfil novo e estritamente pessoal. A língua é um sistema comum a todos; o discurso é ao mesmo tempo portador de uma mensagem e instrumento de ação.”⁶⁴

Pela teoria da enunciação, o locutor assume a língua e destina-se a um outro. A enunciação é portanto caracterizada pela relação discursiva com o outro, seja ele real ou imaginário. Toda enunciação pressupõe assim um destinatário para quem o enunciador constrói o enunciado.

A análise estrutural da língua permeia a análise enunciativa, considerando para tanto os níveis de análise lingüística propostos por Benveniste, afim de compreender o funcionamento da língua no discurso. Níveis estes que remetem a análise para sua dimensão fonemática, morfemática, sintática e semântica, compreendendo assim para a análise, a palavra, a frase e o discurso.

“É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem. Poder-se-ia dizer

⁶⁴ Émile Benveniste em seu texto *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*, que compõe o volume I do livro “Problemas de Lingüística Geral”. P. 84.

decalcando uma fórmula clássica: *nihil est in lingua quod non prius fuerit in oratione.*”⁶⁵

Em relação à Análise de Discurso, encontraremos importantes conceitos teóricos e instrumentais analíticos que nos permitirão ampliar o foco da análise para além do intradiscurso, ou seja, das características estruturais da língua atualizadas no discurso, porém não as descartando, pois constituem um ponto de apoio e ancoragem para as formações discursivas.

Ao ser considerada como um campo de conhecimento que abrange outras áreas, ao propor-se a analisar os entremeios, os silenciamentos além dos discursos aparentes, constitui-se como um novo modo de olhar, ou como diz Eni Orlandi, em sua *Nota ao Leitor*, no livro “O Discurso – estrutura ou acontecimento” de Michel Pêcheux:

“A Análise de Discurso – quer se a considere como um dispositivo de análise ou como a instauração de novos gestos de leitura – se apresenta com efeito como uma forma de conhecimento que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise. E isto compreendendo-se o entremeio seja no campo das disciplinas, no da desconstrução, ou mais precisamente no contato do histórico com o lingüístico, que constitui a materialidade específica do discurso.”⁶⁶

É por considerar o confronto, a contradição, que a Análise de Discurso se faz presente em nossa análise, ao discutirmos a possibilidade da repetição do mesmo, em discursos de sujeitos que apresentam produções discursivas

⁶⁵ Citação retirada do texto *Os níveis da análise lingüística*, presente no volume I do livro “Problemas de Lingüística Geral”. P. 140.

⁶⁶ Eni Orlandi, em “O Discurso – estrutura ou acontecimento” de Michel Pêcheux. p. 8.

consideradas como “alteradas” e portanto em disfunção com a normalidade, discursos esses produzidos em situações nas quais estes sujeitos dizem sobre a sua própria dificuldade discursiva. Também pelo fato de possibilitar o lugar da interpretação do que pode ser lingüisticamente descritível, como já apontava Pêcheux:

“... Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso.”⁶⁷

Os fatores introduzidos no campo da análise lingüística pela Análise de Discurso promovem a assunção de elementos tais como a história, a ideologia e o sujeito⁶⁸, que possibilitarão a construção e a emergência de outros conceitos operacionais propostos dentro do corpo teórico dessa disciplina, importantes para a produção de nossa análise.

A Análise de Discurso considera assim, além da materialidade lingüística, os aspectos interdiscursivos que estão implicados no discurso. Fazendo portanto uma junção do intra com o extra lingüístico, ao analisar o discurso sob vários focos, o que só é possível devido à sua permeabilidade aos conceitos advindos de outros campos, tais como, a Filosofia, a Psicanálise, a Lingüística e a Sociologia, representadas por Marx-Freud-Saussure⁶⁹, conforme a releitura empreendida por autores como Lacan, Jakobson, Milner, Foucault, Pêcheux, Bakhtin e Althusser.

⁶⁷ Op. cit., p. 53.

⁶⁸ Sujeito este proveniente da Psicanálise lacaniana, na sua releitura operada sobre a obra freudiana, de onde irão advir outros conceitos pressupostos e propostos a partir desta concepção, que serão abordados e tratados posteriormente.

⁶⁹ Esta delimitação está presente em vários momentos da obra de Pêcheux, em que ele procura delimitar o objeto e objetivo da Análise de Discurso.

E do que nos fala a Psicanálise? Fala de um sujeito cindido entre estruturas psíquicas que não são redutíveis a uma só ordem e que possuem por sua vez, cada uma um léxico próprio, pleno de sentido e que na maioria das vezes é contraditório em si, mas que se expressam à medida que o sujeito executa uma produção, seja ela de que natureza for. Neste trabalho porém, impõe-se uma delimitação acerca das formulações psicanalíticas, dado as limitações próprias desta análise. Assim nos deteremos nas postulações pertinentes à linguagem. E nesse sentido, o que a Psicanálise pode nos dizer a respeito da linguagem? A teoria psicanalítica tem feito do campo da linguagem, após Lacan, um lugar profícuo para a teorização acerca do sujeito e do inconsciente, e da função e campo da linguagem.

A releitura lacaniana sobre a estruturação do inconsciente freudiano formulada pela expressão, “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”, abre margem para produções que procuram delimitar *a fala e do que fala* o sujeito *quando fala*, ou melhor, de *onde fala* este sujeito, e ainda, este sujeito *parlêtre*⁷⁰, que antes de falar é falado sem se dar conta que não está no controle de sua própria produção.

E quando nos fala da língua, do real da língua⁷¹, que se encontra presente no momento mesmo em que é interdita, e por isso, *lalangue* (*alíngua*)⁷², a Psicanálise designa o lugar onde o silêncio se impõe como efeito de significação, possibilitando a emergência de um sujeito do enunciado (*d'enunciado*) que faz com que este outro, sujeito da enunciação, perca sua condição de controle das produções discursivas intencionais. Estas produções são intencionais à medida que se intenciona dizer alguma coisa, mas esta intenção não é determinada *a*

⁷⁰ A tradução deste termo para o português ficou “oficializada” como *fala-ser*, mas optamos por mantê-lo no original, para garantir o efeito de unidade do termo em francês.

⁷¹ A formulação deve-se a Jean Claude-Milner, em seu livro “O amor da língua”.

⁷² Haroldo de Campos em seu texto “O afreudisiaco Lacan na galáxia de *lalíngua*”, prefere traduzir *lalangue* por *lalíngua*, o que permite a manutenção da idéia de que se trata da língua, de uma parte desta, que faz sentido (*faz-se sentir*) no momento mesmo em que não é enunciada e não uma *não-língua* como o prefixo *a* sugere na tradução oficializada em *alíngua*.

priori, e sim, somente de forma retrospectiva, *a posteriori*, sobre a cadeia de significantes.

O sujeito está fadado à significação, e o tempo todo crê que a linguagem é transparente e a interpretação unívoca. Mas em nenhum momento isso ocorre, o sentido sempre é dado pelas relações, pelos fatores extra-linguísticos, pelo papel ideológico do falante, pelos interesses do ouvinte, ou seja, não há a possibilidade de delimitar um só sentido.

Há porém tentativas do sujeito, que produz um enunciado, que visam delimitar os sentidos de sua produção, como se pudesse garantir a univocidade do sentido.

As notas de rodapé adotadas pelo autor na sua produção escrita, têm por finalidade delimitar sentidos do seu enunciado ao leitor, “estou usando tal termo no sentido X”, porém a cada enunciado o sentido ramifica-se e o autor permite ao outro vislumbrar novos sentidos, que podem inclusive não estar presentes no arcabouço de possibilidades e intenções do enunciador. Como no exemplo acima, o destinatário (seja ele quem for, pois no caso da escrita não há a menor possibilidade de controle), pode ler/pensar/dizer que “...ele diz tal coisa, mas procura defini-la como outra e eu acho que ele quer dizer outra...”, estas suposições podem estar alicerçadas pela desconfiança do destinatário no produtor do enunciado, quer nas condições históricas de produção aos quais o sujeito está submetido no momento mesmo de sua produção e é reconhecido pelo destinatário, quer pelo próprio estilo do enunciador que pode já ser reconhecido por fazer uso constante de ironia e dissimulações em sua produção discursiva.

A glosa, tal como apresentada por Authier-Revuz, (o que já é em si uma glosa), também apresenta tentativas de aprisionamento dos sentidos, seja pela delimitação, seja pela sua ampliação. Assim como podemos observar em enunciados do tipo: “Estou aqui utilizando o termo X, no sentido que foi apresentado por A”, ou ainda, dentro da segunda possibilidade, “Empreguei X, nos dois sentidos do termo”.

Nas autobiografias, por sua vez, encontramos o sujeito tentando produzir um discurso sobre si, onde a evocação de eventos por sua memória possibilita-lhe

falar de lembranças de fatos vividos, mas a sua produção revela o imponderável, já que os sentidos estão sendo ressignificados à medida que ele confere, não as lembranças (como supõe, na tentativa de ser imparcial com sua própria história), mas sim as reminiscências, cuja evocação traz em seu bojo aquilo que pode nunca ter estado lá, pela afetação da memória e da indistintabilidade existente entre o real e o fantasmático. A realidade do sujeito é a sua verdade ontológica e não a verdade acerca dos fatos, estes obstáculos tematizados acima mostram-nos o quanto o sujeito é influenciado pelo discurso, o quanto outras vozes pairam e produzem sentidos, fazendo com que direcione sua produção, “criando” uma realidade que se encontra na possibilidade mesma da existência do olhar do outro.

Estas e outras estratégias são utilizadas pelo sujeito na tentativa de aprisionar o sentido e comunicar suas intenções, porém são tentativas malogradas que revelam a impossibilidade de uma linguagem objetiva infalível com sentidos unívocos.

“Se a palavra fosse unívoca, seríamos máquinas, ou mais rigorosamente ainda, seríamos naturais. O homem surge e instala-se no lugar do desamparo, isto é, no lugar onde não há garantia alguma da verdade do outro. Sem esse desamparo fundamental não haveria intersubjetividade, mas interobjetividade, ausência completa de qualquer coisa que se assemelhasse à inteligência humana. O que funda a subjetividade é a opacidade, a não transparência e, com ela, a possibilidade da mentira, do ocultamento, da distorção. Pretender uma palavra que elimine o equívoco é pretender uma palavra super-humana.”⁷³

Cabe-nos aqui, como forma de elucidar (quem sabe) o exercício que iremos nos propor na análise de nossos dados, apresentar um fragmento de um

⁷³ Extrato do livro “Palavra e verdade na Filosofia antiga e na Psicanálise”, de Luiz Alfredo Garcia-Roza, p. 45.

texto fantástico, nos vários sentidos que a palavra lhe confere, de Jorge Luis Borges⁷⁴, no qual ele se propõe a analisar a empresa de Pierre Menard na reconstrução do Dom Quixote de Cervantes três séculos depois da tarefa já executada. Trata-se, como descreve o próprio Menard, e cabe-nos aqui escutá-lo, de um,

“... misterioso dever de reconstruir literalmente sua obra espontânea. Meu solitário jogo está governado por duas leis polares. A primeira permite-me tentar variantes de tipo formal ou psicológico; a segunda obriga-me a sacrificá-las ao texto ‘original’ e a raciocinar, irrefutavelmente, sobre essa aniquilação...”⁷⁵

Nesta declaração Menard sugere que sabe da complexidade de reproduzir *o mesmo* texto com a distância histórica que o separa de Cervantes, e, bem como, o que nunca é pouco, a diferença da língua entre ambos. As questões que governam seu exercício são produzir variações de estilo textual e de composição dos personagens, e ao mesmo tempo ser fiel ao texto original, sem no entanto repeti-lo, porém sem infligir alterações quer sejam elas de quaisquer natureza. Borges ao analisar esta empreitada sugere que este exercício torna a obra muito mais complexa, pois remete este autor a compor um texto que dada a própria existência do primeiro obstaculiza o segundo.

“Convém somar outra, congênita, a essas travas artificiais. Compor o Quixote no início do século XVII era uma empresa razoável, necessária, quem sabe fatal; nos princípios do XX, é quase impossível. Não transcorreram em vão trezentos anos, carregados de complexísimos

⁷⁴ Estamos nos referindo aqui ao texto *Pierre Menard, autor do Quixote* de Jorge Luis Borges escrito em 1939, e que encontra-se no livro “Ficções”, contido no volume I das “Obras Completas”.

⁷⁵ Op. cit., p. 495.

fatos. Entre eles, para citar **um apenas**: o próprio Quixote.”⁷⁶

A isto segue uma análise das diferenças produzidas neste texto, cuja verossimilhança visográfica remete o leitor a uma conclusão apressada de que se trata do mesmo, mas que Borges adverte, “o fragmentário Quixote de Menard é mais sutil que o de Cervantes”, mostrando que as eleições de cada autor remetem cada uma destas obras para uma direção.

Como elemento para uma análise mais cautelosa, Borges apresenta dois fragmentos de uma mesma passagem das duas obras, como forma de demonstrar as diferenças presentes no mesmo.

“(Cervantes) escreveu....

... a verdade, cuja mãe é a história, êmulo do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.”

E depois,

“Menard em compensação escreve...

... a verdade, cuja mãe é a história, êmulo do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.”⁷⁷

Idênticos? Não! Estes dois textos, ainda segundo Borges, são completamente diferentes à medida que cada autor submete-se ao seu tempo, à história, e às próprias condições pessoais de produção. Cada autor, a seu turno, encontra-se fadado a sofrer as influências das produções que o precedem. A

⁷⁶ Op. cit., p. 495.

⁷⁷ Op. cit., p. 496.

análise de Borges, sobre estes fragmentos cotejados, revela a distância que os separa, apesar da aparência especular.

“Redigida no século XVII, redigida pelo ‘engenho leigo’, Cervantes, essa enumeração é um mero elogio retórico da história. (...)”

A história, *mãe* da verdade; a idéia é espantosa. Menard, contemporâneo de William James, não define a história como uma indagação da realidade, mas como sua origem. A verdade histórica, para ele, não é o que sucedeu; é o que pensamos que sucedeu. As cláusulas finais – *exemplo e aviso do presente, advertência do futuro* – são descaradamente pragmáticas.

Também é vívido o contraste dos estilos. O estilo arcaizante de Menard – no fundo estrangeiro – padece de alguma afetação. Não assim o do precursor, que com desenfado maneja o espanhol corrente de sua época.”⁷⁸

A análise executada por Borges acerca desses fragmentos revela a importância dos aspectos históricos e ideológicos para a compreensão de uma dada produção discursiva e revela-nos a impossibilidade de, mesmo quando se trata de uma repetição literal, capturar o sentido, já que ele sempre escapa, pois não é pré-fixado pela amarração significante/significado, os sentidos escamoteiam-se nos entrecruzamentos subjetivos do seu autor, que é investido simbolicamente em sua constituição imaginária. Poderia o linguísta identificar nesta repetição o mesmo sentido, e o técnico-terapeuta reforçaria dizendo, “isso é uma ecolalia”, mas a análise perspicaz de Borges não os redime e os remete ao limbo de suas certezas, a história *mãe* da verdade e depositária das ações, como diz Menard-Borges, impede a possibilidade da repetição do sentido. Menard repete o texto mas já é um outro, um *não-mesmo* texto onde a aparência similar

⁷⁸ Op. cit., p. 496-7.

oculta outras verdades que só podem ser desveladas com o auxílio dessa *mãe* impiedosa que submete a todos a suas contingências.

A estas formulações, ajustam-se as postulações da Análise de Discurso, no que diz respeito ao papel da história na constituição discursiva do sujeito, como podemos observar nesta formulação de Eni Orlandi.

“A nosso ver, a função do autor é tocada de modo particular pela história: o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações. O que significa que, embora ele se constitua pela repetição, esta é parte da história e não mero exercício mnemônico.”⁷⁹

No movimento de instaurar um campo discursivo que se propõe tornar possível nossa análise, partimos agora para a apresentação de alguns dos termos que serão fundamentais para o nosso trabalho, no formato de um glossário. Este formato foi adotado, dada a abrangência de cada termo aqui apresentado, onde cada um mereceria, se tratado com exclusividade, um trabalho totalmente dedicado a ele, tornando-se assim, um *tema* e não um *termo* presente em um glossário, que, no entanto, não se realiza através de definições ou sinonímias.

3.1. Enunciação

O conceito de enunciação, extraído da Teoria da Enunciação, permite-nos analisar a possibilidade da repetição do mesmo, já que postula uma definição acerca desta produção, onde a cada nova enunciação há um dado novo, seja em relação ao tempo, ao sujeito, e/ou quanto à história. Trata-se assim, de um novo

⁷⁹ Esta citação foi retirada de uma conferência proferida por Eni Orlandi no evento *Psicanálise e Linguagem: revisitando Saussure 80 anos depois*, em 1993 na PUC-SP e que encontra-se publicada no número 3 da revista “Psicanálise e Universidade”, dedicado a este evento, sob o título *Autoria e interpretação*, p. 88.

acontecimento, porém um acontecimento que tem uma relação com a língua, que acontece por ela, e que pode ser então analisado desta forma, como um acontecimento relacionado à língua, o que podemos observar nesta citação de Eduardo Guimarães:

“Para nós, a enunciação é histórica, portanto não se reduz a um evento em uma situação, e não se reduz tampouco a um ato do sujeito, ou de falar com alguém, ou de apropriar-se da língua. Podemos defini-la como um acontecimento, tal como o fez Ducrot (1984). (...) Por outro lado, a definição de Ducrot não guarda um traço importante da definição de Benveniste: a enunciação é uma relação com a língua. Queremos guardar para a enunciação, ao mesmo tempo, o caráter de acontecimento e o de relação com a língua.”⁸⁰

Sendo assim, a enunciação passa a ser entendida como um acontecimento de linguagem, onde podemos observar o interdiscurso, através do funcionamento da língua, ou seja, podemos ver na relação da língua com a enunciação o funcionamento interdiscursivo, enquanto memória discursiva.

“A enunciação é, então, um acontecimento de linguagem, perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso.”⁸¹

⁸⁰ Esta citação foi extraída do texto *Independência e Morte*, de Eduardo Guimarães que encontra-se no livro “Discurso Fundador”, organizado por Eni Orlandi. P. 27.

⁸¹ *Ibidem*, p. 28.

Estas implicações apresentadas aqui no conceito de enunciação, via Teoria da Enunciação, já nos apresenta uma série de dados sobre a possibilidade de tratamento do discurso enquanto uma produção histórica do sujeito que se dirige a outrem. Podemos observar uma preocupação germinal na “Poética de Aristóteles, com a enunciação, quando trata dos problemas críticos da construção de um personagem, que podem se ajustar a estas proposições da Teoria da Enunciação.

“Para reconhecer se bem ou mal falou ou agiu uma personagem, importa que a palavra ou o ato não sejam exclusivamente considerados na sua elevação ou baixaza; é preciso também observar o indivíduo que agiu ou falou, e a quem, quando, como e para quê ...”⁸²

Porém, devemos ainda nos questionar sobre a constituição deste sujeito e qual o papel desempenhado por ele na sua produção discursiva.

3.2. Língua

Ferdinand de Saussure definiu a língua como sendo o objeto de estudo da lingüística e ele ateve seus estudos a essa estrutura, definindo-a como sistema:

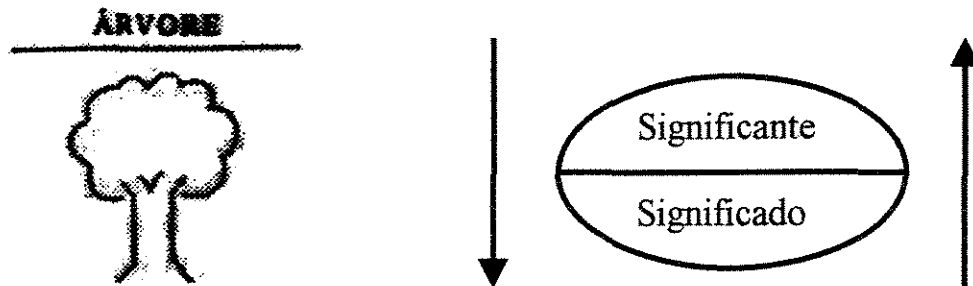
“... um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas. (...) a língua constitui algo adquirido e convencional (...)”⁸³

Dessa forma, Saussure analisa a estrutura da língua e suas características. Para ele a língua é formada por duas partes distintas e indissociáveis, nomeadas

⁸² Aristóteles, “Poética”, p.137.

⁸³ Ferdinand de Saussure, em “Curso de Lingüística Geral”, pp. 17-8.

como significante e significado. À primeira parte, corresponde a imagem acústica e à segunda, o conceito; as duas partes constituem o signo lingüístico. No exemplo que se segue, temos a palavra “árvore”, designando o conceito de vegetal lenhoso, sendo que este, como significado, corresponde ao significante que reclama, que indica o tal conceito.

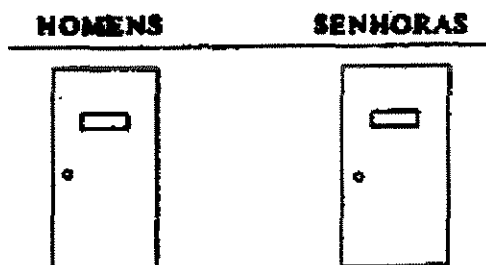


A relação entre significante e significado é arbitrária, já que não há qualquer motivação de referência externa à língua que suscite tal relação, porém após esta *colagem*, estamos frente à característica de imutabilidade do signo lingüístico, dado que a língua é um sistema convencional.

Os signos têm também uma característica linear, que impõe sua ocorrência na língua, em caráter de sucessividade, principalmente devido à condição física do significante. Dessa forma, cada signo aparece na cadeia significante após o outro, e só é suscetível à significação na relação entre os signos. Sobre esta relação, Saussure remete-nos metaforicamente ao jogo de xadrez, no qual cada peça tem seu valor à medida que ocupa um determinado lugar no tabuleiro, e onde a cada novo movimento de uma peça, tem-se a alteração do valor das demais; o mesmo ocorreria com o signo na cadeia significante.

Lacan irá retomar o signo lingüístico definido por Saussure, instaurando porém a primazia do significante em relação ao significado e atribuindo à barra (–) um efeito de resistência à significação, que permite pensar que o significante

não responde à função de representar o significado, daí a resistência. Para ilustrar seu pensamento, Lacan alude à imagem⁸⁴ que segue:



Esta imagem nos mostra que abaixo da barra desliza o significado sendo que, para Lacan, o efeito de significação só pode ocorrer retrospectivamente quando o último elemento da cadeia significante é apresentado.

“O significante (...) deve ser estruturado em termos topológicos. Com efeito, o significante é primeiro aquilo que tem efeito de significado, e importa não elidir que, entre os dois, há algo de barrado a atravessar.”⁸⁵

Há que se destacar também, os dois eixos constitutivos da língua, que são: o eixo associativo ou paradigmático, caracterizado pela seleção e no qual as relações ocorrem em ausência; e o eixo sintagmático, cujo processo principal é o de combinação e no qual as relações ocorrem em presença.

Lacan irá retomar esses eixos descritos por Saussure e irá associá-los aos processos metafóricos (condensação no sentido freudiano), no que se refere ao eixo paradigmático, e aos metonímicos (deslocamento), em relação ao eixo sintagmático. Convém ressaltar que estas correlações só se tornaram possíveis a Lacan, por haver, entre ele e Saussure, Jakobson.

⁸⁴ Em seu texto, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, em “Escritos”, p. 229

⁸⁵ Ibidem, p.231.

“... é na cadeia do significante que o sentido *insiste*; mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação da qual ele é capaz no momento mesmo.”⁸⁶

3.3. *Lalíngua*

Este termo forjado por Lacan, após um seminário de Jakobson, e que visava diferenciar do que se ocupa a Psicanálise quando volta-se para a língua, procura destacar os efeitos que essa lalíngua que é *lá* (visto ser lalangue = lalíngua⁸⁷) onde não há língua, mas que nem por isso deixa de constituí-la de forma dialética, onde a língua, como acentua Jean Claude Milner em seu livro “O amor da língua”, suportaria o real da lalíngua. Este não-ser da lalíngua, que é próprio do inconsciente, posto que não está presente nas relações, compõe a incomensurabilidade da língua e impede que ela seja vertida em uma outra ou até mesmo comparada.

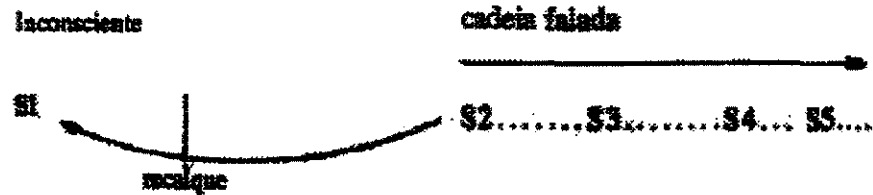
“Alíngua nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de alíngua, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar.”⁸⁸

⁸⁶ Ibidem, p. 233

⁸⁷ Haroldo de Campos no seu texto “O afreudisiaco Lacan...”, nos dá uma excelente explicação sobre esta opção de tradução de *Lalangue* por *Lalíngua*, pois segundo ele, o artigo “a” em português não apresenta as mesmas características do artigo feminino “la” em francês, sendo que no português este artigo quando justaposto a uma palavra confunde-se com o prefixo de negação, e “Assim, alíngua, poderia significar carência de língua, como alíngue seria o contrário absoluto de plurilíngue, equivalendo a ‘deslíngue’”. Ora, LALANGUE, pode-se dizer, é o oposto de não-língua, de privação de língua.”, pp.187-8.

⁸⁸ Jacques Lacan, em seu texto, *O rato no labirinto*, livro 20 “Mais, ainda”, p. 190.

Os efeitos da língua podem fazer-se perceber no esquema apresentado abaixo, que figura um significante S1 que faz efeito sobre a cadeia discursiva mesmo em ausência.



O inconsciente é assim, um saber-fazer com língua, que ultrapassa e muito o que podemos dar conta com a linguagem. A linguagem que suporta a estruturação do inconsciente é sempre hipotética com relação ao que sustenta, ou seja, língua.

3.4. Discurso

Na conceituação de discurso faremos uso das formulações da Análise de Discurso que procurará apresentá-lo como sendo um produto das relações de forças e de sentidos, onde através da materialidade lingüística as formações ideológicas são representadas.

“... o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as

‘deformações’ que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido.”⁸⁹

Esta noção, apresentada por Pêcheux, de discurso prévio possibilita entrever a presença do *Outro* na constituição discursiva, porém ao mesmo tempo, fala da influência do *outro* na produção do discurso, sendo assim, o discurso torna-se um efeito de sentidos entre locutores.

“... todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.”⁹⁰

Todo discurso formula-se na junção existente entre o intradiscurso e o interdiscurso, numa relação biunívoca de presença e ausência, onde o sujeito, a história e a ideologia encontram-se sempre implicados.

3.5. Intradiscurso

Em relação ao intradiscurso, podemos correlacioná-lo com a materialidade lingüística, ou seja, observá-lo através das relações dele com a língua onde apresenta-se o outro, enquanto interlocutor. Dessa forma, ele está implicado com o registro imaginário.

“Como não temos acesso ao interdiscurso, ele se simula por seus efeitos na formulação (intradiscurso). O que é tangível, ainda que projetadas nas formações imaginárias, são as suas condições de produção, pensadas como

⁸⁹ Michel Pêcheux em *Análise Automática do Discurso*, p. 77.

⁹⁰ Eni Orlandi em seu livro “Análise de Discurso”, p. 43.

situação no sentido estrito, o da circunstância da enunciação.”⁹¹

O intradiscurso nos possibilita, portanto, analisar o funcionamento interdiscursivo. Esse, o intradiscurso, é portanto uma condição necessária por onde irão perpassar as formulações ideológicas e históricas, e as afetações inconscientes que permitem as formações discursivas, e que determinam a constituição imaginária do sujeito em sua inserção no universo simbólico, interdiscursivo.

Em nossa análise nos ocuparemos predominantemente do intradiscurso, dadas as condições de nossa amostra, mas faremos a partir desta análise aportes às possibilidades constitutivas interdiscursivas.

3.6. Interdiscurso

A relação entre o mesmo e o outro dá-se no discurso através do interdiscurso, onde memórias de dizer e novos sentidos convivem lado a lado, na repetição o sentido passa a ser outro à medida que se trata de um novo acontecimento, porém, ao mesmo tempo só podemos significar aquilo que já está significado para nós, através de outros discursos, dos quais já não podemos identificar a autoria, apesar desses sentidos ressoarem em nós, através das relações interdiscursivas. Essa tensão entre o mesmo e o diferente permeia nossa análise neste trabalho.

“... a repetição é a possibilidade mesma do sentido vir a ser outro, em que presença e ausência se trabalham, paráfrase e polissemia, se delimitam no movimento da contradição entre o mesmo e o diferente. O dizer só faz

⁹¹ Eni Orlandi em *Autoria e interpretação*, p. 94.

sentido se a formulação se inscrever na ordem do repetível, no domínio do interdiscurso.”⁹²

Dessa forma, significar pressupõe sentidos já interiorizados, já presentes em nosso discurso, mesmo que não possamos identificá-los, cada discurso está repleto de sentidos já dados historicamente, que faz com que tenhamos a impressão de sua universalidade.

“Para que uma palavra faça sentido é preciso que ela já tenha sentido. Essa impressão do significar deriva do interdiscurso – o domínio da memória discursiva, aquele que sustenta o dizer na estratificação de formulações já feitas, mas ‘esquecidas’, e que vão construindo uma história dos sentidos. Toda fala resulta, assim, de um efeito de sustentação no já dito que, por sua vez, só funciona quando as vozes que se poderiam identificar em cada formulação particular se apagam e trazem o sentido para o regime do anonimato e da universalidade.”⁹³

O interdiscurso é constituído pela relação existente entre os discursos, relação esta que irá particularizá-los e sustentar historicamente os sentidos. A cada fala, o interdiscurso através do domínio da memória discursiva, via sua relação com a língua, atualizará esta memória.

3.7. Ideologia

Já em relação à ideologia, ela aqui é considerada como um mecanismo que faz com que o sujeito produza discursos nos quais tenha a ilusão de encontrar

⁹² Eni Orlandi em seu livro “Análise de Discurso”, p. 87.

⁹³ *Ibidem*, p. 90.

sentidos únicos, já que as condições de produção específicas regem as interpretações dos sujeitos, causando então esta ilusão.

“A ideologia não é um conteúdo ‘x’, mas o mecanismo de produzi-lo. Uma concepção discursiva de ideologia estabelece que, como os sujeitos estão condenados a significar, a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais e eternas. Disso resulta a impressão do sentido único e verdadeiro.”⁹⁴

O termo ideologia será tomado pela Análise de Discurso de forma distinta daquela na qual é definido pela Sociologia, pois não incidirá sobre ele a noção de ocultamento da realidade por aqueles que controlam o *status quo* e como visão de mundo dos vencedores sobre os vencidos, mas como o que irá permitir as produções lingüísticas do sujeito, já que se materializa na linguagem.

“... É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. Para isso têm-se as condições de base, que é a língua, e o processo, que é discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo.”⁹⁵

Esta concepção de ideologia faz com que ela seja parte constitutiva da linguagem, estando presente nas relações que o sujeito estabelece com o mundo, não apenas intermediando as relações, mas também, possibilitando que elas ocorram.

⁹⁴ Eni Orlandi em seu artigo *Autoria e interpretação*, pp. 83-4.

⁹⁵ Eni Orlandi, em seu livro “Análise de discurso: princípios & procedimentos”. Pp. 95-6.

3.8. Inconsciente

O inconsciente apresentado na teoria psicanalítica após a descoberta freudiana, que o funda como uma estrutura portadora de uma topologia, economia e dinâmica própria, independente da consciência, dá a este termo um estatuto novo, que difere daquele que, já há muito, era amplamente utilizado pela filosofia que o precedia. Esta o tomava como um adjetivo àquilo que não era mais objeto da consciência, e tornava-o quase um sinônimo de esquecimento. Não se trata também de afirmar que estamos frente a uma nova divisão da consciência, criando a existência de uma segunda consciência, o que tenderia a configurar o aparelho psíquico como sendo constituído de duas ordens incomunicáveis.

As ordens, consciente e inconsciente, são estruturas que se intercomunicam, revelam estratégias de refutação e impedimentos de idéias conflitivas, por parte da consciência, e estratégias que visam ludibriar os impedimentos existentes para a liberação de conteúdos afetivos “nocivos” ao sujeito, por parte do inconsciente.

Como podemos conhecer assim o inconsciente? Certamente só podemos conhecê-lo, diria Freud, como algo que de alguma forma já o é consciente, após as transformações impostas a ele por esta ordem. Mas assim, como o mundo físico, o psíquico, na realidade, não é necessariamente o que nos parece ser, sendo que os objetos internos são menos incognoscíveis do que os do mundo externo. Assim, Freud como Descartes, que ao introduzir sua dúvida hiperbólica sobre as condições de acesso à verdade do mundo pelos órgãos sensoriais, procura chegar às verdades sobre as coisas, Freud irá promover dúvidas razoáveis acerca das manifestações psíquicas dos sujeitos enfermos, sem alterações corpóreas, que os levavam a cometer atos danosos contra si mesmos. O que poderia fazer com que alguém agisse contra o seu melhor juízo? A resposta só poderia ser a existência de uma ordem psíquica a que o sujeito não tivesse controle e escapasse à sua vontade, o inconsciente.

Mas abordar este tema dentro dessa limitação que aqui se coloca, implica em mantermo-nos firmes acerca de algumas questões que serão de grande valia

como instrumental de análise, visto que este conceito configura-se como uma espécie de *Pedra de Roseta* para a Psicanálise, onde os demais conceitos encontram-se atrelados a ele, quer por oposição a ele e assim estruturando em função dele, quer por relação intrínseca com ele. Falar do inconsciente como um todo seria como tratar da Psicanálise inteira, dir-nos-ia qualquer psicanalista de plantão.

Assim, optamos por nos ater a algumas características do inconsciente, tais como os mecanismos de condensação e deslocamento que estabelecem estratégias de manifestação do inconsciente, através da releitura imposta por Lacan, como metáfora e metonímia, respectivamente. Bem como à relação que o inconsciente estabelece com a linguagem, em sua irrupção na consciência pelos *atos falhos e lapsos de memória*, e ao laço que ele estabelece com a linguagem, na qual segundo a tese de Lacan, *o inconsciente está estruturado como uma linguagem*. Cabe uma última ressalva acerca do comentador aqui utilizado, trata-se do psicanalista francês, Jacques Lacan, que introduz no campo da Psicanálise diversos operadores lingüísticos para re-ler o texto freudiano, “Um dia percebi que era difícil não entrar na lingüística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto”⁹⁶. Sendo assim, esta escolha é deliberada, e já é proposta e pressuposta por Pêcheux.

“A oposição da metáfora e da metonímia é fundamental, pois o que Freud colocou originalmente no primeiro plano nos mecanismos da neurose, bem como naqueles dos fenômenos marginais da vida normal ou do sonho, não é nem a dimensão metafórica, nem a identificação. É o contrário. De uma forma geral, o que Freud chama a

⁹⁶ Jacques Lacan, *A Jakobson*, no livro 20 “Mais, ainda”, p. 25. Seminário proferido após ter assistido algumas conferências de Jakobson no Colégio de França, como homenagem a ele. Criando a partir da afirmação de Jakobson de que tudo que é da linguagem depende da lingüística, Lacan cria o termo lingüisteria para tratar das questões referentes ao inconsciente.

condensação, é o que se chama em retórica a metáfora, o que ele chama o deslocamento é a metonímia.”⁹⁷

E sobre esta interpretação, Lacan diz estar fazendo somente um retorno ao ponto de partida de Freud, onde o significante assume uma primazia sobre o significado, representando-o em sua ausência já que este desaparece no processo de significação. A condensação/metáfora é o que vai permitir assim a multiplicidade de sentidos simultâneos em uma mesma produção discursiva. Já o deslocamento/metonímia, possibilita a aparição de um termo que dissimula o sentido, apresentando-se como representante do termo alijado da produção discursiva.

Lacan, em 1960⁹⁸ toma para si a tarefa de apresentar a sua re-leitura do inconsciente postulado por Freud, desenvolvendo as seguintes teses: o inconsciente está estruturado como uma linguagem; a linguagem é a condição do inconsciente; o inconsciente é o que digo; o inconsciente é concebido somente numa estrutura de discurso; o inconsciente diz o verdadeiro sobre o verdadeiro.

3.9. Sujeito

A noção de sujeito sustentada pela Psicanálise, e que atravessa as formulações da Análise de Discurso, começa a constituir-se a partir do ato fundador de Freud que ao descobrir o inconsciente e conceituá-lo como uma estrutura psíquica, promove uma reviravolta nas formulações que o antecedem e que irão precedê-lo no que tange a concepção de sujeito.

Este ato institui um sujeito que se encontra fendido, dividido. Já não é mais o “senhor do conhecimento”, sujeito epistêmico capaz de ascender ao conhecimento por um ato de vontade própria.

⁹⁷ Jacques Lacan, *Metáfora e Metonímia I*, livro 3 “As psicoses”. P. 252

⁹⁸ O que pode ser observado nos textos: *Posição do inconsciente e Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, presentes na coletânea de artigos reunidos sob o título de “Escritos”.

“O efeito de linguagem, é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito ele não é a causa de si próprio, ele traz em si o verme da causa que o refende.”⁹⁹

Esta postulação leva-nos a questionar o sujeito e toda a sua possibilidade autonômica, enquanto capaz de instituir-se, pois o efeito da linguagem introduzido nele o inaugura na medida mesma em que o impede de ser unívoco, produzindo o duplo de si mesmo.

Este sujeito, tal como é tematizado pela Psicanálise lacaniana¹⁰⁰, é apresentado – não se apresenta – no momento mesmo em que faz uso da linguagem, estando alienado na linguagem, presente sem o saber dentro de sua própria produção que o situa como assujeitado, pela impossibilidade de dizer-se todo.

“Não se fala, portanto, ao sujeito. Isso fala dele e é aí que ele se apreende ...”¹⁰¹

Definir o sujeito como assujeitado, tirando dele sua autonomia significativa¹⁰², implica em submetê-lo a uma ordenação simbólica, levando-o assim a ocupar uma posição em relação a uma estrutura que intermedia sua relação com o mundo, um sistema convencional que independe dele, mas que se impõe a ele. O sujeito encontrar-se-á assim lá onde ele justamente pensa não estar¹⁰³, ou segundo Lacan, “lá onde não me penso pensar”.

⁹⁹ Citação extraída do texto “Posição do Inconsciente” de Jacques Lacan, p. 319.

¹⁰⁰ Tem sua possibilidade de existência situada na concepção freudiana de inconsciente.

¹⁰¹ Op. Cit., p. 320.

¹⁰² Sua capacidade de dizer-se.

¹⁰³ Paráfrase da famosa formulação lacaniana “penso onde sou, portanto, sou onde não me penso”, que na transliteração do poeta Haroldo de Campos torna-se “Láonde iss’estava dev’eurei devir-me”.

“... não há, para o ‘ser falante’ que é o homem, lugar fora da ordem da linguagem, na e pela qual ele é constituído como sujeito, essa tese se opõe diretamente às concepções de enunciação como utilização do instrumento língua por um sujeito que para comunicar seu pensamento, estaria sempre em posição de, a partir de uma exterioridade do dito pensamento, avaliar e controlar, com domínio real sobre eles, o instrumento e sua utilização.”¹⁰⁴

O sujeito ocupa posições, marca uma posição dentro dos jogos de linguagem¹⁰⁵ que ele estabelece com o *Outro*, o que impede a relação direta – intersubjetiva – com o *outro*, na medida que é representado no seu próprio discurso a um outro que se encontra na mesma condição de ser posto em jogo e apresentado na sua produção.

A isto, ajusta-se a concepção apresentada por Lacan em seu seminário “D’un discours qui ne serait pas du semblant”¹⁰⁶, onde ele precisará, revendo seu famoso discurso de Roma – Função e campo da palavra e da linguagem na Psicanálise – que:

“... intersubjetividade, eu escreveria então, e Deus sabe que falso traçado o enunciado de termos tais que estes aí podem dar ocasião. Desculpem-me ter tido estes traços e de os promover em princípios. Eu só poderia ir adiante pelo mal-entendido. Inter, certo, com efeito – significância, subjetividades na sua consequência, o significante sendo o que representa um sujeito para outro significante, onde o sujeito não está. É por isso mesmo,

¹⁰⁴ Extraído do livro de Jacqueline Authier-Revuz, “Palavras incertas”, p 181.

¹⁰⁵ Não no sentido definido por Wittgenstein, e sim no sentido em que joga posições definidas pela própria condição de produção discursiva.

¹⁰⁶ Seminário ainda inédito e citado aqui por intermédio do livro de Alduisio M. de Souza “Uma leitura introdutória a Lacan: (exegese de um estilo)”.

por estar ausente aí, que ele é representado, e, mesmo representado, ele se acha dividido.”¹⁰⁷

Há, dessa forma, uma remissão importante às condições de produção discursiva acerca da enunciação e do enunciado, onde fruto da refenda que funda o sujeito, apresentam-se dois sujeitos que são ao mesmo tempo um (inconciliável), que é representado enquanto significante.

“... a categoria laciana do imaginário permite compreender a **posição** metaenunciativa ocupada pelo sujeito que se representa acima do seu dizer, como que sob o domínio de um **imaginário da enunciação**, preenchendo para o enunciador uma necessária ‘função de desconhecimento’ no que se refere ao real da enunciação que, de múltiplas maneiras, escapa-lhe.”¹⁰⁸

O sujeito da enunciação encontra-se sempre fora do enunciado, do dito, pois está somente representado no enunciado advindo pela linguagem, na articulação significante, e perdendo-se na sua produção, onde impossibilitado de dizer-se todo, representa-se no enunciado.

3.10. Interpretação

A interpretação, como estamos considerando aqui, está baseada nas determinações histórico-ideológicas, não sendo portanto mero exercício de decodificação, mas sim, a investigação dos saberes discursivos perpassados no interdiscurso.

¹⁰⁷ Op. Cit., p.49.

¹⁰⁸ Jacqueline Authier-Revuz, “Palavras incertas”, p. 170.

“Para que a língua faça sentido é preciso que a história intervenha. E com ela o equívoco, a ambiguidade, a opacidade, a espessura material do significante. Daí, a necessidade de administrá-la, de regular as suas possibilidades, as suas condições. A interpretação, portanto, não é mero gesto de decodificação, de apreensão do sentido. E também não é livre de determinações. Ela não pode ser qualquer uma e não é igualmente distribuída na formação social. O que a garante é a memória sob dois aspectos: a. a memória institucionalizada, ou seja, o arquivo, o trabalho social da interpretação, em que se distingue quem tem e quem não tem direito a ela; b. a memória constitutiva, ou seja, o interdiscurso, o trabalho histórico da constituição da interpretação (o dizível, o repetível, o saber discursivo).”¹⁰⁹

Interpretar, portanto, é fundar sentidos que já estão possíveis na própria formulação do sujeito, não se trata de decodificar uma mensagem cifrada em códigos, conquistando assim a possibilidade de acesso ao sentido verdadeiro ou único do dizer, mas de promover a aparição das memórias constitutivas e institucionalizadas do dizer.

“... cada cultura, (...) teve o seu sistema de interpretação, as suas técnicas, os seus métodos, as suas formas próprias de suspeitar que a linguagem quer dizer algo de diferente do que diz, a entrever que há linguagens dentro da mesma linguagem”¹¹⁰

¹⁰⁹ Eni Orlandi em “Autoria e Interpretação”, pp. 86-7.

¹¹⁰ Michael Foucault, em seu texto *Nietzsche, Freud e Marx*, p.15.

A relação da cultura com os meios de produção das interpretações possibilita-nos pensar em como as eleições interpretativas feitas pelo sujeito acerca de si mesmo, já estão pressupostas na ordem cultural/simbólica/ideológica/histórica, que o constitui como sujeito assujeitado, a uma ordem que só lhe é possível submeter-se.

3.11. Heterogeneidade Constitutiva e Mostrada

Os conceitos de heterogeneidade constitutiva e de heterogeneidade mostrada foram elaborados por Jacqueline Authier-Revuz e correspondem às não-coincidências do dizer. Em seu trabalho, esta autora afirma que as heterogeneidades podem ser de quatro tipos: interlocutivas, do discurso consigo mesmo, das palavras e as coisas e das palavras consigo mesmas. Quando temos a heterogeneidade na relação entre as palavras estamos frente aos equívocos de linguagem.

Estes processos podem ser de dois tipos, ou processos reais da constituição do discurso – heterogeneidade constitutiva, ou representações da constituição do discurso – heterogeneidade mostrada.

“... heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, que em relação à alteridade, no domínio simbólico, coloca a relação com o outro (mostrada) e o Outro (constitutiva).”¹¹¹

Esta relação das heterogeneidades, com o domínio simbólico na sua própria constituição, evidencia as possibilidades de relação às quais o sujeito submete-se ao produzir um discurso, referindo-se ora a esta condição tangível da

¹¹¹ Eni Orlandi em “Autoria e interpretação”, pp. 92-3.

relação com o outro enquanto tal e ora com este grande Outro¹¹² que remete o sujeito à sua própria condição de ser constituído desde fora. Eni Orlandi apresenta a relação existente entre o pequeno e grande outro, sendo que o primeiro está relacionado ao interlocutor e o grande Outro à historicidade, sob o formato das produções interdiscursiva.

Na heterogeneidade mostrada encontramos uma “costura aparente”, onde o interdiscurso faz-se presente de forma explícita no intradiscurso, ou como diz Authier-Revuz,

“... (a glosa) aparece nesse jogo de um que ‘junta’ e de não-um que ‘esgarça’, como um modo da costura aparente, que ressalta em um mesmo movimento a falha da não-coincidência enunciativa e sua sutura meta-enunciativa.”¹¹³

São os casos de heterogeneidade mostrada que encontramos no discurso, como construções: “segundo as palavras de X”; “X, no sentido literal”; “X, entre aspas”; “X, se eu ousar dizer...”. Estas são algumas das marcas possíveis de serem encontradas freqüentemente no discurso.

3.12. Ressonância

Esta noção, definida por Serrani¹¹⁴, em sua análise sobre o funcionamento das paráfrases, consiste na reverberação interdiscursiva de significação que possibilita a delimitação de um sentido, ou seja, a ressonância é

¹¹² Este pequeno e grande “Outro” nos remete a psicanálise lacaniana, onde estes dois outros são ao mesmo tempo fonte e origem de nossas produções significantes. Remetemo-nos sempre ao Outro, de natureza simbólica, mas só estabelecemos relação com o outro, enquanto lugar do eu imaginário.

¹¹³ Em “Palavras incertas: as não coincidências do dizer”, p. 27.

¹¹⁴ Este conceito foi desenvolvido em sua tese de doutoramento no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

caracterizada por construções imaginárias do sujeito que vão se repetindo, e nessa repetição intradiscursiva passam a atingir o registro simbólico.

“... Ressonância porque para que haja paráfrase a significação é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua.”¹¹⁵

A noção de ressonância traz consigo a inclusão do sujeito e da heterogeneidade da linguagem, para a condição de sua produção. Onde introduz-se uma concepção de paráfrase que será entendida como ressonância discursiva, fazendo com que o sentido ressoe de forma vertical no discurso e apresente-se horizontalmente na cadeia significante.

3.13. Repetição

Há três possibilidades de repetição, uma que consiste na repetição mnemônica, caracterizada pela lembrança, uma outra que compreende a repetição técnica e uma terceira, de interesse para nossa análise, que é a repetição histórica, sujeita aos gestos interpretativos, onde pode ocorrer o deslocamento do sentido, já que ela é sujeita à incompletude.

Ou, como foi dito, de outra forma, por Orlandi:

“O que nos leva a distinguir a. a repetição empírica, exercício mnemônico que não historiciza de b. a repetição formal, técnica de produzir frases, exercício gramatical, que também não historiciza, de c. a repetição histórica, a que inscreve o dizer no repetível enquanto memória

¹¹⁵ Esta definição encontra-se no livro “A linguagem na pesquisa sociocultural” de Silvana M. Serrani, p. 47.

constitutiva, saber discursivo, em uma palavra: interdiscurso.”¹¹⁶

Estas três formas apresentadas e que se encontram definidas como possibilidades de produção de uma repetição de um enunciado, nos dois primeiros casos, e de um acontecimento reformulativo que jamais será o mesmo; permitenos indagar se nos primeiros casos não se trata de um embotamento do sujeito que acredita ser o senhor de suas representações, estando submerso nas ilusões do esquecimento que postula Pêcheux. E sendo assim, para nós, o sentido que se preserva como possível de ser considerado é aquele que se desloca a cada enunciado, onde mesmo que o sujeito repita uma frase, inúmeras vezes, ela jamais será a mesma.

3.14. Real/Simbólico/Imaginário

Lacan introduz no campo psicanalítico estes três registros fundamentais para se pensar o sujeito da Psicanálise. Nesse sentido, trata-se de colocar como essas três ordens relacionam-se para forjar este sujeito. Este sujeito, refendido, submete-se à ordem simbólica, que é aquela que irá possibilitar uma relação mediada com o Real, enlaçando, assim também, as possibilidades de constituição do Imaginário.

Ao definir o Real como *o que é estritamente impensável*, Lacan oferece-nos essa ordem como sendo da impossibilidade de definição significante, e que só pode ser acessada pela evocação, situando-se assim, à margem da linguagem, escapando à simbolização.

“A linguagem só é concebível como uma rede, uma teia sobre o conjunto das coisas, sobre a totalidade do Real.

¹¹⁶ Em seu texto “Autoria e Interpretação”, p. 89.

Ela inscreve no plano do Real este outro plano a que chamamos aqui o plano do Simbólico.”¹¹⁷

A ordem simbólica introduzida por Lacan, apresenta-se como uma forma de inscrever o ser biológico em uma ordem preestabelecida que é de natureza simbólica, e que permitirá a este ser aceder à condição de sujeito, dado as condições estruturantes que a cultura o permite. Lacan remete-se aí as relações estruturantes de parentesco examinadas a termo por Lévi-Strauss.

"Quando efetivamente falamos, o que dizemos significa alguma coisa, e essa significação é dirigida ao interlocutor. Mas como se poderia conceber que ele a entendesse, que a apreendesse, se ela já não estivesse inscrita, ao menos como possível, em seu mundo?"¹¹⁸

Esta condição de inscrição pertence à ordem simbólica, e poderíamos pensar aqui, e por que não, no interdiscurso e seus efeitos constituintes sobre os dizeres possíveis.

O Imaginário constitui-se como o primeiro efeito da estruturação do sujeito em relação ao outro, e deve portanto, ser sempre compreendido como uma impossibilidade de reconhecer-se nele mesmo, nesses efeitos estruturantes da ordem simbólica, o Outro, e das incisões efetuadas pelo desejo do outro que o constitui.

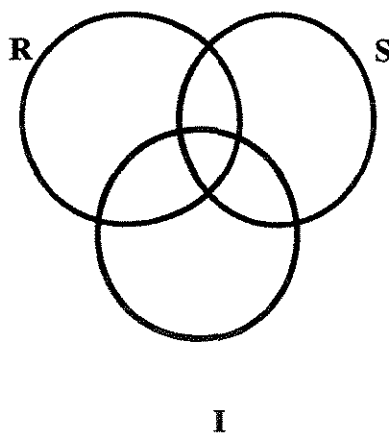
“Há algo que faz com que o ser falante se mostre destinado à debilidade mental. E isto resulta tão somente da noção de imaginário, naquilo em que o ponto de partida deste é a referência ao corpo e ao fato de que sua

¹¹⁷ Lacan em seu texto, *A verdade surge da equivocação*, Livro 1 “Os escritos técnicos de Freud”, pp. 298-9.

¹¹⁸ Alain Juranville em seu livro, “Lacan e a Filosofia”, p. 125.

representação, digo, tudo aquilo que por ele se representa,
nada mais ser que o reflexo de seu organismo.”¹¹⁹

Essas três ordens, R. S. I., estão entrelaçadas, como quer Lacan, em um nó entitulado Borromeu, que enlaça esses três registros, proporcionando uma distinção que se encontra presente somente no sentido que cada um designa.



“A definição do nó borromeano, parte de três. É, a saber,
que se de três vocês rompem um dos anéis, eles ficam
livres todos os três, os dois outros se soltam.”¹²⁰

¹¹⁹ Esta citação foi extraída do seminário “R.S.I.”, proferido por Jacques Lacan, e que ainda se encontra inédito, sendo que este acesso só foi possível graças a um material gráfico, não oficializado.

¹²⁰ Ibidem.

Capítulo IV

Do mesmo ao outro:

o deslocamento do sentido nas construções parafrásticas

*"Há sempre palavras demais na língua
e ao mesmo tempo, singularmente,
elas nunca são suficientes para dizer o que se quer dizer."
(Jacques-Alain Miller)*

Este capítulo tem por objetivo apresentar um questionamento sobre o discurso, e a interpretação (enquanto uma análise possível deste), no que diz respeito às produções lingüísticas de sujeitos que apresentam sintomas afásicos. Para tanto iremos nos deter na análise de um enunciado extraído da literatura especializada sobre o tema. Este enunciado, por ter como característica principal a produção de paráfrases pelo sujeito, foi por nós selecionado, pois permitirá analisar um dos principais fenômenos constituidores do discurso. Nós nos utilizamos da afasia, pois ela possibilita uma observação propícia acerca do fenômeno da linguagem, expressando nos "não ditos" a interdição da própria linguagem, não como se estes "não ditos" fossem a negação desta, mas sim como um novo discurso a ser interpretado.

“Está claro que estes com quem lidamos, os pacientes, não se satisfazem, como se diz, com aquilo que são. E, no entanto, sabemos que tudo o que eles são, tudo o que vivem, seus próprios sintomas têm a ver com a satisfação.

Eles satisfazem alguma coisa que, sem dúvida, vai de encontro àquilo com que eles poderiam se satisfazer, ou, melhor ainda, satisfazem a alguma coisa. Eles não se contentam com seu estado, mas, ainda assim, estando neste estado tão pouco contentador, contentam-se. Toda a questão é saber o que é este *se* que é aqui contentado.”¹²¹

O discurso do sujeito afásico aqui considerado, não é *a* afasia, e nem tão pouco somente produto desta patologia, visto que se trata do discurso de um sujeito ímpar, que possui uma história singular, e, sendo assim, irredutível às determinações descritivas postuladas nos manuais médicos acadêmicos que versam sobre o tema. O que o torna singular, é o fato de estar constituído pelo interdiscurso, inserido na história, marcado pela ideologia, o que pode ser observado na sua produção discursiva, sem nos esquecermos de que estes discursos, a serem analisados, são produções imaginárias de um sujeito que procura se afirmar enquanto tal remetendo-se a uma ordenação simbólica, que através de sua produção discursiva procura contentar-se.

Este discurso atravessado por estas ordenações, já anunciadas, que se esconde na materialidade lingüística e que não é (o) aparente, necessita de uma escuta que, em essência e por excelência, é crítica e pressupõe o exame sobre o "dito" e o "não dito", como aquele que evidencia os aspectos interdiscursivos, em sua constituição heterogênea.

Aquele a quem o sujeito remete este discurso, ao qual denominamos como *outro* (dado as impossibilidades mesmas, de remeter-se ao grande *Outro*), é também parte constituidora do discurso, através das formações imaginárias do sujeito, pois faz parte das inscrições simbólicas nas quais ambos estão inseridos.

Podemos então pensar que o sujeito afásico, enquanto um sujeito falante que fala de si e do desejo, ocupa um lugar determinado pelo que o designa como

¹²¹ Esta é uma citação de Jacques Lacan que se encontra no livro de Joël Dor, "Introdução à leitura de Lacan", pp. 142-3.

afásico. Ele emite assim, sua fala deste lugar que já está determinado simbolicamente.

Como então podemos produzir *uma* ou *a* interpretação deste discurso? Devemos considerar que estas formulações discursivas expostas à nossa *escuta*, possibilitar-nos-ão *uma* interpretação e não *a* interpretação da fala emitida, pois esta já é em princípio uma interpretação exercida pelo sujeito que a emite. Não devemos esquecer também, que a fala é constituída de signos, que desde sempre, são arbitrários e que *a priori* já constituem uma interpretação. A interpretação é *um* discurso possível sobre essa fala/interpretação.

“... não houve nunca um *interpretandum* que não tivesse sido *interpretans*, e é uma relação mais de violência que de elucidação, a que se estabelece na interpretação. De fato, a interpretação não aclara uma matéria que com o fim de ser interpretada se oferece passivamente; ela necessita apoderar-se, e violentamente, de uma interpretação que está já ali, que deve trucidar, revolver e romper a golpes de martelo.”¹²²

A cada novo enunciado o sujeito é atravessado por palavras que já foram interpretadas e que apareceram em detrimento de tantas outras, que foram silenciadas, que deixaram de compor este discurso e que ainda assim significam em sua ausência.

Apesar disso, o sujeito tem a ilusão de que diz ‘o que quer’, com as palavras que lhe convém, como se fosse capaz de selecionar conscientemente no eixo paradigmático seu discurso, e essa ilusão é necessária para que haja comunicação. Porém, no sujeito afásico, observamos que esta ilusão não pode ser sustentada, ela é perdida, e ele confronta-se com a própria impossibilidade de

¹²² Citação extraída do texto *Nietzsche, Freud e Marx*, de Michael Foucault, p. 23. Neste texto Foucault discorre sobre as perspectivas interpretativas presentes nas obras destes autores.

acreditar que é capaz de selecionar as palavras que compõem a sua produção discursiva.

Essas observações estão correlacionadas com a noção de *esquecimento* de Michel Pêcheux¹²³, onde o sujeito tem a ilusão de ser a origem de seu discurso, e também, tem a impressão de que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, sendo estas duas formas de esquecimento que possibilitam as relações intersubjetivas.

“As ilusões não são ‘defeitos’, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos.”¹²⁴

Após estas advertências iniciais à análise, podemos agora nos remeter ao *corpus* que irá norteá-la. Ele foi extraído do livro “Diário de Narciso: discurso e afasia”, de Maria Irma Hadler Coudry. Sendo que este é um dos três casos citados neste livro, e apresentado como *sujeito L*.

Este *sujeito L*, apresenta, conforme relatado, uma hipótese diagnóstica de Acidente Cerebral Vascular (AVC) isquêmico, com sintomas de alterações discursivas, que são observadas através da dificuldade do sujeito em assumir o papel de interlocutor, apesar de ser capaz de ocupar o papel de locutor na relação dialógica. Conforme a própria autora, investigadora deste enunciado que será analisado, o sujeito apresenta uma afasia de Wernicke, ou seja, uma alteração predominantemente de compreensão oral. De acordo com Luria tal afasia seria classificada como sendo de tipo *sensorial*. Além disso, apresenta também anosognosia, ou seja, um estranhamento em relação ao sintoma, à doença e ao outro.

L. apresenta, ainda segundo a autora, dificuldades discursivas que o impedem de participar de uma situação planejada pelo outro, o qual não é capaz de reconhecer como interlocutor.

¹²³ Esta noção encontra-se desenvolvida no livro “Les vérités de La Palice”, de 1975.

¹²⁴ Eni Orlandi em seu livro “Análise de Discurso”, p. 36.

O seqüência a ser analisada está destacada em negrito no texto que se segue:

[A investigadora e L conversam sobre as atividades de L antes da afasia]

Inv. O senhor lia jornal?

L. Antigamente?

Inv. É.

L. Lia normal, normal, todos os dias.

Inv. Revista também o senhor lia?

L. Todos os dias lia jornal.

Inv. Que revista o senhor lia?

L. Diário do Povo e Correio Popular são dois jornais que eu leio todos os dias.

Inv. E revista? Que que o senhor lia?

L. Eu nunca leio jornal de ler folhas e folhas. Na Folha, por exemplo, unidade certa...

Inv. O ... seu L ...

L. ...e palavras cruzadas.

Inv. O senhor gostava de palavras cruzadas? Gosta ainda?

L. Não sei nada. Não sei falar nada. Não sei palavra nenhuma. Não sei mais as palavras.

Inv. O senhor lia revistas? Que revistas o senhor lia? Revista, não jornal. Revista.

L. Que eu leio? [...]

Inv. O senhor lia revistas? (Mostrando uma que tem na mão.)

L. Revista não lia. O máximo era jornal. Teve época que eu lia Digest, aí parei.

Inv. E esses livrinhos de bolso você gosta?

L. Não de coleção. Livro não, só de farwest, de polícia. Parei de ler: só jornal mesmo.

Portanto, nós destacamos deste contexto dialógico o enunciado parafrástico:

“Não sei nada. Não sei falar nada. Não sei palavra nenhuma. Não sei mais as palavras”

Trata-se de uma produção discursiva que coloca em evidência a construção de paráfrases sobre *o saber ou não saber*, e ainda, sobre *o saber (sobre) não-saber*, e mais, *não-saber-se fala-ser*.

Quanto à materialidade lingüística, de acordo com os níveis de análise lingüística descritos por Benveniste, é possível observar que este enunciado apresenta os níveis fonológico, morfológico e sintático de forma adequada.

Em relação ao nível sintático, podemos de acordo com o enunciado parafrástico inferir, através das relações pertinentes ao verbo *saber* em português, que a partir da expressão “*não sei nada*”, enunciada por *L*, podemos ter as seguintes variações:

- (a) *L* sabe que não sabe.
- (b) *L* não sabe se sabe.
- (c) *L* não sabe que sabe.

Com essas variações que partem de um não saber afirmativo, que em seguida questiona-se enquanto possibilidade de saber pela introdução da partícula *se*, chega-se no fim a afirmar o não-saber de um saber.

Resta-nos acrescentar que esta análise reside sobre o sujeito do enunciado, e que a possibilidade de acessar a verdade encontra-se no sujeito da enunciação que detém o saber, mas que não está presente no seu enunciado, no dizer de Lacan, “a verdade nunca se diz toda”. Procuraremos então, ascender às

verdades, pois não se trata de afirmar *uma* verdade sobre o sujeito, dado a sua pluralidade constitutiva.

Semanticamente podemos pensar que o paradoxo instituído neste discurso, onde o sujeito fala não saber falar, está relacionado com um problema de referência entre a linguagem e o mundo.

Analisando a discursividade, observamos inicialmente em que contexto ocorre tal enunciado, ou seja, que este enunciado foi dito por um sujeito afásico, numa sessão de terapia, dirigindo-se à investigadora, sobre sua atual dificuldade discursiva. Analisando as condições de produção podemos caracterizar este discurso, neste extrato analisado, como sendo um *discurso polêmico*¹²⁵, onde pode ocorrer a reversibilidade, porém, neste caso, de forma assimétrica, já que o sujeito tem impressão de que, diferente dele, o outro mantém o controle da língua que ele próprio já não mais possui.

Convém ressaltar assim, que o funcionamento discursivo neste caso se dá entre um sujeito, que tem sua linguagem alterada (proveniente de um comprometimento neurológico), que pressupõe que o outro sujeito tem domínio da linguagem e conhece sua dificuldade. Este fator torna a interlocução assimétrica por mais que se busque, durante o discurso, a simetria.

Através da ideologia constituidora dos discursos, a antecipação se faz presente, entendida como a formação imaginária que o sujeito tem do interlocutor. A produção discursiva desse sujeito pressupõe o Outro que constitui a sua produção estando presente nela, pois é produzida ali, na relação com um outro, que se relaciona com ele, entendendo-o e julgando-o em relação a um discurso que não lhes pertence, por ser constituído de fora da relação, já existente anteriormente a essa relação intersubjetiva. Ou seja, tanto o sujeito como seu interlocutor remetem-se a um Outro comum, que faz com que o primeiro fale buscando respostas assertivas sobre seus males, e que o segundo o escute buscando interpretá-lo em função desse mesmo saber.

Podemos observar que não se trata de um enunciado imóvel, de uma pura repetição, há uma transformação, um movimento de sentido. Neste enunciado

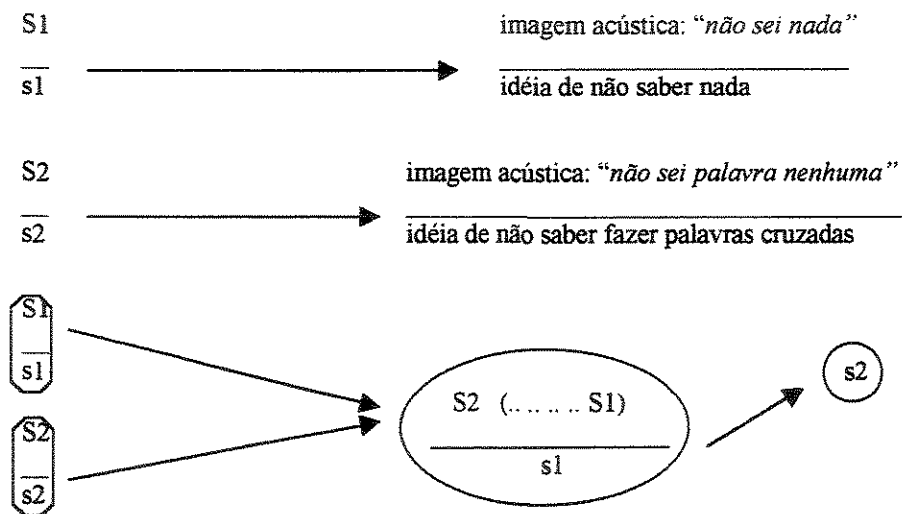
¹²⁵ Eni Orlandi discorre sobre essa questão em seu livro "A linguagem e seu funcionamento", de 1987.

podemos interpretar que saber tem equivalência parafrástica a falar, “*não sei nada*”, desloca o sentido para, “*não sei falar nada*”, porém ao enunciar isto o sujeito está falando, o que nos permite afirmar que há uma contradição, já que o sujeito diz não saber falar enquanto fala. O sentido vai sendo especificado, numa tentativa de delimitar e torná-lo mais preciso, quanto à sua impossibilidade, quando o sujeito diz “*Não sei palavra nenhuma*”. Por fim, ao dizer “*Não sei mais as palavras*”, o sujeito remete-se àquilo que sabia anteriormente, ou seja, às ilusões fruto dos esquecimentos que possibilitam a comunicação.

Observando as quatro frases desta seqüência enunciativa, podemos dizer que, apesar da recorrente negação, expressa pelo “*não sei*”, ela funda o não saber como referência que varia deslocando o sentido. O sujeito busca afirmar-se através da negação, *não saber sabendo*, porém, tem a cada frase, um saber novo sobre seu *não-saber*.

Também observamos que apesar de ser contraditório, falar que não se sabe falar, isto não faz com que o enunciado perca o sentido, porque a própria enunciação é o referencial.

Quanto às relações metafóricas e metonímicas que permitem deslocamentos de sentidos, observamos aqui a presença de uma metonímia, no sentido em que o sujeito faz uso da parte para designar o todo quando diz que “*não sei palavra nenhuma*” e correlaciona com a idéia “*não sei nada*”.



A expressão “*não sei palavra nenhuma*”, está substituindo no discurso do sujeito, a expressão “*não sei nada*”, em outras palavras a parte é colocada no lugar do todo, aparecendo uma relação de contigüidade onde o processo metonímico impõe um novo significante de contigüidade com um significante anterior que ele substitui. Assim, a expressão “*não sei palavra nenhuma*” (S2), passa a carregar a idéia de não saber nada (s1)¹²⁶.

Em relação à heterogeneidade, podemos dizer que estamos frente a uma não coincidência enunciativa do discurso com ele próprio, que ocorre pelo fato do discurso ser atravessado por outros discursos, e neste caso, temos interdiscursivamente o discurso do outro, como discurso da instituição médica, da família e da normalidade instituída simbolicamente pela cultura.

Podemos interpretar também que se trata de uma não-coincidência entre a palavra e as coisas, já que estamos frente a um sujeito que fala de si, de forma não condizente entre o que fala e sua experiência, ou seja, neste caso há um cruzamento entre a palavra que afirma “*não sei falar nada*”, e a coisa que é a própria possibilidade evidenciada na sua capacidade de produzir esta fala.

O que perpassa esta produção discursiva e que a impõe enquanto discurso constitutivo assumido pelo sujeito são os aspectos ideológicos que permitem esta relação *palavra/coisa*. O sujeito que é diagnosticado como afásico recebe junto com este diagnóstico um rol de atribuições significativas impeditivas que compõe o saber discursivo da ordem médica, que atribui a estes sujeitos, a incapacidade de controle sobre sua fala como consequência direta da lesão cerebral verificada pelas técnicas de diagnose moderna, impossibilitando assim, que este sujeito possa produzir questionamentos sobre sua condição, uma vez que se encontra à sua frente uma imagem fotográfica de sua incapacidade, que é refletida pelos exames cerebrais. Como seria possível escapar desse saber que não só afirma, como comprova, a incapacidade do sujeito, as amarras prendem o sujeito e sua possibilidade discursiva sob um rótulo, a saber, a afasia.

¹²⁶ Esta análise foi inspirada no livro de Joël Dor, “Introdução à leitura de Lacan”.

A busca do reconhecimento pelo *Outro*, que só será possível ser afirmada pelo outro, requer deste, um ato de significação para que a mesma não caia na condição de um discurso estereotipado, ou seja, estéril por não ser mais dotado de sentido pelo seu próprio produtor, ficando vazio e distante da possibilidade de significar algo, ou mesmo o próprio sujeito. Assim, “*não sei palavra nenhuma*”, procura um significado que só pode vir de fora, pois é de lá, do representante do discurso da ciência que a significação, nesse momento, pode advir como “você sabe, pois ao falar que não sabe usa a palavra”.

Em relação à história, podemos investigar a importância do contexto sociocultural em que este sujeito está inserido, fazendo com que em sua fala, mesmo que não presente (inclusive intencionalmente) concretamente, este contexto sociocultural estrutura a fala, e mais, dê sentido à fala, possibilitando assim (mesmo que precariamente), o processo comunicativo. Não se trata, assim, somente *de quem fala*, mas também *de onde se fala*.

Ainda em relação à heterogeneidade, podemos analisar que a paráfrase ocorre na tentativa de se apropriar do discurso do *Outro*, à medida que este sujeito refere-se a si mesmo como *não sendo* no momento mesmo em que *é* na busca de atingir pela negação a condição e o estatuto de *ser*, condição esta que lhe será possível quanto mais aproximar-se das condições impostas simbolicamente pela cultura à qual pertence.

Podemos também analisar essa seqüência como sendo caracterizada pela reformulação de um sujeito, que ao falar percebe a “estranheza” de sua produção perante os discursos “normais”, e que então, passa a reformulá-la na tentativa de torná-la, o mais próximo possível do padrão discursivo considerado normal, assim, a produção parafrástica consistiria então em possibilitar a este sujeito, que se vê como estrangeiro a si mesmo em sua produção enunciativa, uma tradução aproximativa das expectativas acerca dele mesmo, onde ao saber que não sabe (pela constituição ideológica), apresenta este saber negando-o, quando o demonstra sabendo-o. Afirmando, pela reformulação, dois saberes, um referente à afasia, e sua impossibilidade discursiva aferida cientificamente, e o segundo relativo à demonstração do saber falar enquanto fala.

Faz-se necessário agora a entrada do sujeito, o sujeito do desejo, como aquele que se faz dizer no sentido em que está presente na fala, mas que se constitui em uma relação de presença numa ausência, pois encontra-se dissimulado na fala, como sujeito do enunciado e excluído como sujeito da enunciação, que só pode ser entrevisto nas entrelinhas desse discurso, *d'enunciado*. O desejo não estando presente no ato enunciativo enquanto dito, mas presente fazendo-se dizer na repetição de um significante *não* que se emite na procura da afirmação de seu saber.

Retomando a fala do sujeito "*não sei nada*", e indagando a respeito do que ela se ocupa, através do desejo inconsciente, podemos afirmar que a fala só pode ocupar-se do próprio sujeito, ou seja, como bem sublinhou Juranville "nunca se fala senão de si mesmo"¹²⁷.

Tratou-se aqui, neste capítulo, de evidenciar as imbricações existentes nas reformulações parafrásticas, produzidas por um sujeito com o diagnóstico de afasia, através dos instrumentais operativos que procuramos apresentar no capítulo precedente.

¹²⁷ Alain Juranville em "Lacan e a Filosofia", p. 126.

Capítulo V

À guisa de uma reflexão que não será jamais fim

Podemos neste momento, após este *transcurso*, entre a paráfrase e a afasia, em que perfilaram algumas das teorias que se entrecruzam acerca da linguagem, produzir uma análise que nos possibilitou ressaltar o quanto estes fenômenos podem e devem ser alvo de indagações teóricas fecundas, sobre os mecanismos discursivos.

O estudo da paráfrase, como já fora aventado por tantos outros antes, permitiu-nos contemplar a possibilidade de analisar o fenômeno intradiscursivo e até mesmo vislumbrar alguns elementos do interdiscurso presentes nesta formação discursiva.

Em relação à afasia pudemos problematizar sua relação com teorias lingüísticas, através da proposta de Jakobson, e a possibilidade de submetê-la à análise de mecanismos produtores desse quadro sintomático que procurou ir além dos dados neurológicos, olhando para aquele que foi acometido por esta afecção, mas que nem por isso deixou de ser um sujeito imerso nas redes de significação simbólica e que continua fazendo eleições significantes imaginárias.

A produção de uma análise interpretativa nesse interjogo enunciativo em que se evidenciam aspectos que podem e pedem para ser descritos, desvelados de

seu ocultamento aparente, possibilitam o desvelamento de outros efeitos, de outras significações possíveis. Isto porque este ocultamento encontra-se, por vezes, na borda como estratégia de esconder-se no óbvio, tal como o detetive Dupin de Edgar Alan Poe em busca de uma *carta roubada*, que para encontrá-la precisa colocar-se no lugar do outro para revelar o imponderável, à medida que a carta se encontra sempre presente e por isso mesmo oculta, foi nos preciso desprender-se da aparência concreta daquilo que se apresenta como material suscetível da análise.

Assim, investimos na direção de uma interpretação que buscasse compreender os efeitos de sentido que se estabelecem, à medida que, o discurso passa a ser ouvido nas imbricações languageiras dos falares que o antecedem, o impulsionam e o dirigem, como salienta Foucault em sua análise das formas interpretativas de Freud, Nietzsche e Marx proporcionaram revelar sentido nas vozes que eram aplacadas por discursos obscurantistas que tentavam negar o valor significativo de um sintoma que nos fala e não se cansa de surpreender já que revelam discursos sob discursos, apontando-nos a direção de nossa busca.

“É que se o intérprete deve ir pessoalmente até ao fundo como um escavador, o movimento de interpretação é pelo contrário, o dum avalanche cada vez maior, que permite que por cima de si se vá despregando a profundidade de forma cada vez mais visível; e a profundidade torna-se então um segredo absolutamente superficial (...) a descoberta de que a profundidade não é senão um jogo e uma ruga da superfície.”¹²⁸

A nossa reflexão procurou, norteadada pelo ensejo de desvelar sentidos, através dos instrumentais operacionais enunciativos e discursivos, revelar as rugosidades mostradas e constituintes desse dizer sobre si mesmo, no qual o

¹²⁸ Michael Foucault, “Nietzsche, Freud e Marx”, p 19.

sujeito engaja-se para produzir um sentido, produzindo-se como sujeito atravessado por ordens que o levam a não mais saber se sabe aquilo que, aparentemente e de forma insuspeitável, ainda o demonstra saber. Há palavras e há sujeito, só não há o saber-se sujeito.

Foi dessa forma que refletimos sobre a paráfrase no discurso afásico, constatando o deslocamento do sentido em um enunciado repleto de saberes.

Esperamos que este trabalho, a partir das indagações aqui levantadas, sobre o deslocamento de sentido, a paráfrase, e sobre a perda da linguagem, faça suscitar novos questionamentos, que por sua vez, contribuirão para que compreendamos cada vez mais o fascinante fenômeno da linguagem.

Résumée

L'objectif de ce travail est de faire cela en relation avec un champ discursif particulière, celui des sujets aphasiques. Choisir ce champ mène à penser ce phénomène du langage dans une région considérée comme limite. En prenant pour cela la paraphrase, nom comme classe d'équivalence, en tant que mécanisme producteur d'identités stables, déterminée selon le principe de la commutation, mais en tant qu'effet d'interruption, de duplicité, de réplique, de déplacement, de trajets argumentatifs, de contradiction. Dans la paraphrase nous pouvons observer comment le sens devient un autre, à chaque énonciation, au travers de la modification du procès discursif. Cela a lieu parce que la paraphrase est une activité metalinguistique spontanée du sujet, une activité qui met en jeu l'illusion nécessaire de la transparence du langage et l'anticipation, comme mécanisme qui détermine le dire même de l'énonciateur. Pour une observation spécifique du fonctionnement paraphrasique, nous avons analysé une séquence de situation de dialogue entre un sujet aphasique et un investigateur. Le fait que le investigateur soit l'interlocuteur ne rend pas l'énoncé moins artificiel, pourtant il faut noter que les sujets aphasiques sont généralement en contact avec les thérapeutes de manière continue, ce qui rend l'interlocution plus "spontanée". L'analyse est

partie de la matérialité linguistique et s'est étendue à l'intradiscours. Ont été pris en considération aussi le mécanisme de l'anticipation, la manière comme le locuteur représente les représentations de son interlocuteur et vice versa, et l'hétérogénéité du discours, appuyée sur les études énonciatives, l'Analyse du Discours et la Psychanalyse. Il a été possible de constater que la paraphrase apparaît dans le discours des sujets aphasiques en déplaçant le sens, à chaque nouvelle énonciation, modifiant ainsi continuellement le processus discursif.

Mots-clé :

paraphrase, énonciation, discours, aphasie.

*“Esta horária vida não nos deixa encerrar parágrafos,
quanto mais terminar capítulos.”*

João Guimarães Rosa

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis – Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.
- ARRIVÉ, Michel – Lingüística e Psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- ARISTÓTELES – Arte Retórica e Arte Poética.** Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline – Ces mots qui ne vont pas de soi.** Paris: Larousse, 1995.
- _____ – “Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: pour une approche de l’autre dans le discours”, in **DRALV n° 26.** Paris: Centre de Recherche de l’Université de Paris, 1982.]
- _____ – “Hétérogénéité(s) énonciative(s)”, in **Langages n° 73.** Paris: Larousse, 1973.
- _____ – **Palavras Incertas: as não coincidências do dizer.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- BENVENISTE, Émile – Problemas de Linguística Geral I e II.** Campinas: Pontes Editores, 1989.

- BORGES, Jorge Luis – “Pierre Menard, autor do Quixote”, in **Ficções, Obras Completas Vol. I**. São Paulo: Editora Globo, 1999.
- BORILLO, Mario et SABAHA, Gérard – “L’ambiguïté et la paraphrase en traitement automatique du langage”, in Catherine Fuchs (ed.) **L’ambiguïté et la paraphrase**. Caen: Centre de Publications de l’Université de Caen, 1988.
- BRÉAL, Michel – **Ensaio de Semântica**. São Paulo: EDUC - Pontes Editores, 1992.
- CAMPOS, Haroldo de – “O afreudisiaco Lacan na galáxia de Laíngua: (Freud, Lacan e a Escritura)”, in **Idéias de Lacan**, Organizador Oscar Cesarotto. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.
- CASTRO, Maria Fausta Pereira (org.) - **O Método e o Dado no Estudo da Linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- CASTRO, Vandersí Sant’ana – “Um caso de repetição no português”, in **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 27. Campinas: IEL, 1994.
- CHOMSKY, Noam, JAKOBSON, Roman e outros – **Novas Perspectivas Lingüísticas**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COUDRY, Maria Irma Hadler – **Diário de Narciso - discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____ – “Fontes de postulados discursivos no estudo da afasia”, in **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 22. Campinas: UNICAMP/IEL, 1992.
- _____ – “Neuropsicologia: aspectos biológicos e sociais”, in **Temas em Neuropsicologia, volume 1**. São Paulo: Tec Art, 1993
- _____ – “Princípios protocolares e avaliação neurolingüística”. **GEL**. Ribeirão Preto: inédito, 1994.
- _____ – “Neurolingüística e Lingüística”, in **Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística**. São Paulo: Sociedade de Neuropsicologia, 1995.
- _____ – “O que é o dado em neurolingüística?” in Maria Fausta. Pereira de Castro (org), **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

- COUDRY, Maria Irma Hadler & MORATO, Edwiges M. – “Aspectos discursivos da afasia”. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 19. Campinas: UNICAMP/IEL, 1990.
- COUDRY, Maria Irma Hadler & POSSENTI, Sirio – “Do que riem os afásicos?”. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 24. Campinas: UNICAMP/IEL, 1993.
- COURTINE, Jean-Jacques e MARANDIN, Jean-Marie – “Quel objet pour l’analyse du discours?”, in **Materialités Discursives**. Lille: Presses Universitaires, 1981.
- DANON-BOILEAU, Laurent – **Le sujet de l’Énonciation**. Paris: Ophrys, 1987.
- DELAS, Daniel – **Roman Jakobson**. Paris: Bertrand-Lacoste, 1993.
- DE LEMOS, Claudia T. G. – “Da morte de Saussure o que se comemora”, in **Psicanálise e Universidade**, nº 3. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1995.
- DELOMIER, Dominique – “Opérations de paraphrase, réduction de relatives et interprétations”, in **Langages**, 88. Paris: Didier – Larousse, 1987.
- DESCLÉS, Jean-Pierre – “La paraphrase n’est pas une relation d’équivalence mais une relation asymétrique”, in Catherine Fuchs (ed.) **L’ambiguïté et la paraphrase**. Caen: Centre de Publications de l’Université de Caen, 1988.
- DOR, Joël – **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- DUBOIS, Jean – “De la linguistique a la neurolinguistique: 1939-1976.” **Langages**, 47. Paris: Didier – Larousse, 1977.
- _____ e Cols. – **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.
- ECO, Umberto – **Como se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.
- FOUCAULT, Michael – “Nietzsche, Freud e Marx”, in **Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum**. São Paulo: Editora Princípio, 1987.
- _____ – **Doença Mental e Psicologia**. São Paulo: Editora Tempo Brasileiro, 1994.
- FUCHS, Catherine – **Paraphrase et Théories du Langage**. Paris: Tese de doutorado, Universidade de Paris VII, 1980.

- _____ – “Référenciation et paraphrase: variations sur une valeur aspectuelle”, **DRLAV**, 21. Paris: Centre de Recherche de l’Université de Paris, 1981.
- _____ – **La paraphrase**. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
- _____ – “La paraphrase entre la langue et le discours”, **Langue Française**, 53. Paris: Larousse, 1982.
- _____ – “L’ambiguïté et la paraphrase en Linguistique”, in Catherine Fuchs (ed.) **L’ambiguïté et la paraphrase**. Caen: Centre de Publications de l’Université de Caen, 1988.
- _____ – **Paraphrase et énonciation**. Paris: Ophrys, 1994.
- FUCHS, Catherine & LE GOFFIC, Pierre – “*Ambiguïté, paraphrase et interprétation*” **Modèles Linguistiques**. Lille: Presses Universitaires, 1983.
- FULGÊNCIO, Lucia – “Exame da conceituação de ‘anáfora’ e das suas relações com as noções de dado/novo”, in **Ensaio de Lingüística**, 9. Belo Horizonte: UFMG, 1983.
- GADET, Françoise & HAK, Tony (orgs.) – **Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- GADET, Françoise et SÉRIOT, Patrick (ed.) – **Jakobson entre l’Est et l’Ouest, 1915-1939**. Lausanne: Les Cahiers de l’ILSL – n° 9, 1997.
- GARCIA-ROZA, Luis Alfredo – **Palavra e Verdade: na filosofia antiga e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- GOLDGRUB, Franklin – “A afasia e a questão da delimitação entre o psíquico e o orgânico”, in **Freud, Marlowe & Cia**. São Paulo: Nova Alexandria/EDUC, 1994.
- GRAU, Brigitte et SABAH, Gérard – “Ambiguïté et analyse, paraphrases et interprétations en compréhension automatique de textes”, in Catherine Fuchs (ed.) **L’ambiguïté et la paraphrase**. Caen: Centre de Publications de l’Université de Caen, 1988.
- GRÉSILLON, Almuth et LEBRAVE, Jean-Louis – “Paraphrases et ambiguïtés dans la production du texte littéraire”, in Catherine Fuchs (ed.) **L’ambiguïté**

- et la paraphrase.** Caen: Centre de Publications de l'Université de Caen, 1988.
- GRIZE, Jean-Blaise – “Ambigüité, Paraphrase et Logique”, in Catherine Fuchs (ed.) **L'ambigüité et la paraphrase.** Caen: Centre de Publications de l'Université de Caen, 1988.
- GUIMARÃES, Eduardo – **Texto e Argumentação.** Campinas: Pontes Editores, 1987.
- _____ – “Independência e Morte”, in **Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**, organizado por Eni Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- _____ – **Os Limites do Sentido.** Campinas: Pontes Editores, 1995.
- _____ – “História, Sujeito, Enunciação”, in **Cadernos de Estudos Lingüísticos nº 35.** Campinas: UNICAMP/IEL, 1998.
- GUIMIER, Claude – “Incidence, Ambigüité et Paraphrase: approche psychomécanique”, in Catherine Fuchs (ed.) **L'ambigüité et la paraphrase.** Caen: Centre de Publications de l'Université de Caen, 1988.
- HENRY, Paul – **A Ferramenta Imperfeita.** Campinas: Pontes Editores, 1992.
- HILGERT, José Gaston – **A Paráfrase: um procedimento de constituição do diálogo.** São Paulo: Tese de Doutorado USP – SP, 1989.
- _____ – “As paráfrases na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes”, in Ingedore G. Villaça Koch (org.) **Gramática do Português Falado – vol. VI.** Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996.
- JAKOBSON, Roman – **Child language aphasia and phonological universals.** Paris: Mouton, 1972.
- _____ – “Langage enfantin aphasie et lois générales de la structures phonique”, in **Langage Enfantin et Aphasie.** Paris: Flammarion, 1980.
- _____ – “L'aphasie comme problème linguistique”, in **Langage Enfantin et Aphasie.** Paris: Flammarion, 1980.
- _____ – “Vers une typologie linguistique des troubles aphasiques”, in **Langage Enfantin et Aphasie.** Paris: Flammarion, 1980.

_____ – “Types linguistiques d’aphasie”, in **Langage Enfantin et Aphasie**. Paris: Flammarion, 1980.

_____ – “Sobre las perturbaciones afásicas desde el punto de vista lingüístico”, in **El Marco del Lenguaje**. México: Fondo de Cultura Económica, 1980.

_____ – “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, in **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____ – “Sur la spécificité du langage humain”, in **L’Arc**. Paris: Librairie Duponchelle, 1990.

JAKOBSON, Roman & POMORSKA, Krystyna – “Similitude e contigüidade na língua e na literatura, no cinema e na afasia”, in **Diálogos**. São Paulo: Cultrix, 1985.

JAKUBOVICZ, Regina & MEINBERG, Regina C. – **Introdução à afasia**. Rio de Janeiro: Antares, 1985.

JURANVILLE, Alain – **Lacan e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

KAGAN, Aura & SALING, Michael M. – **Uma introdução à afasiologia de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KAYSER, Daniel – “Ambigüité, paraphrase et profondeur variable”, in Catherine Fuchs (ed.) **L’ambigüité et la paraphrase**. Caen: Centre de Publications de l’Université de Caen, 1988.

KOCK, Ingedore G. Villaça – “Reflexões sobre a repetição”. Belo Horizonte: **Seminário do GT de Análise da Conversação, ANPOLL, 1990.** (inédito)

LACAN, Jacques – “A verdade surge da equivocação”, in **Os escritos técnicos da Freud, livro 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.

_____ – “Onde está a fala? Onde está a linguagem”, in **O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise, Livro 2**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____ – “Metáfora e Metonímia(I): ‘As gerbe n’etait point avare, ni haineuse’”, in **As psicoses, livro 3**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____ – “A Jakobson”, in **Mais, ainda, livro 20**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

- _____ – “O rato no labirinto”, in **Mais, ainda, livro 20**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____ – “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, in **Escritos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- _____ – “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, in **Escritos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- _____ – “Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval retomada de 1960 e 1964”, in **Escritos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- _____ – “Seminário de 10 de dezembro 1974”, in **R.S.I.** (inédito)
- LANDHEER, Ronald – “Ambigüité et paraphrase au niveau traductologique”, in Catherine Fuchs (ed.) **L’ambigüité et la paraphrase**. Caen: Centre de Publications de l’Université de Caen, 1988.
- LAPLANE, Dominique – **La pensée d’outre-mots**. Paris: Institut Synthélabo, 1997.
- LEEMAN, Danielle – “Les paraphrases”, in **Langages**, 29. Paris: Didier – Larousse, 1973.
- LEITE, Marcio Peter de Souza – “O inconsciente está estruturado como uma linguagem”, in **Idéias de Lacan**, Organizador Oscar Cesarotto. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.
- LE NY, Jean François – “L’ambigüité et la paraphrase en psychologie cognitive”, in Catherine Fuchs (ed.) **L’ambigüité et la paraphrase**. Caen: Centre de Publications de l’Université de Caen, 1988.
- LURIA, Alexandr Romanovich – **Basic Problems of Neurolinguistics**. Netherlands: Mouton, 1976.
- _____ – “A organização cerebral da atividade verbal. Patologia da enunciação verbal”, in **Pensamento e Linguagem - as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- MERLEAU-PONTY, Maurice – **Resumo de Cursos de Filosofia e Linguagem**. Campinas: Papirus, 1990.
- MILLER, Jacques-Alain – “O Piropo: Psicanálise e linguagem”, in **Percorso de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

- MILNER, Jean-Claude – **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- _____ – **Les noms indistincts**. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza – **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1998.
- MOUNIN, Georges – **Dictionnaire de la linguistique**. Paris: Quadrige / PUF, 1995.
- MORATO, Edwiges Maria – “Afasia e heterogeneidade discursiva”, in **Investigando a Linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Sciliar-Cabral**, organizadores Loni Grimm Cabral e José Morais. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- NATTIEZ, Jean-Jacques – “Roman Jakobson dans le siècle”, in **L’Arc**. Paris: Librairie Duponchelle, 1990.
- OMBREDANE, André – **L’aphasie et l’élaboration de la pensée explicite**. Paris: PUF, 1951.
- ORLANDI, Eni Puccinelli – **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes Editores, 1983.
- _____ – “Nota ao leitor”, in **O discurso. Estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1983.
- _____ – **As formas do silêncio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- _____ (org) – **Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- _____ – **Interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____ – “Autoria e Interpretação”, in **Psicanálise e Universidade**, nº 3. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1995.
- _____ – “Do não sentido e do sem sentido”, in Regina Fabbrini e Sergio L. Oliveira, **Interpretação**. São Paulo: Lovise, 1998.
- _____ – **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 1999.

- PAIVA, Antonio Firmino – “A importância da Lingüística para o estudo da patologia da Linguagem”. **Revista PUC-SP**. São Paulo: EDUC, 1985.
- PARRET, Herman – “Para uma teoria enunciativa da paráfrase: a semelhança e o ato de proximização”, in **Enunciação e Pragmática**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- PÊCHEUX, Michel – **Les Vérités de La Palice**. Paris: François Maspero, 1975.
- _____ – **La Langue Introuvable**. Paris: François Maspero, 1981.
- _____ – **O discurso. Estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1983.
- _____ – **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- _____ – “Análise automática do discurso”, in **Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. organizadores Françoise Gadet e Tony Hak. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- PIRES, José Cardoso – **De Profundis: valsa lenta**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- POE, Edgar Allan – “A Carta Roubada”, in **Os melhores contos de Edgar Allan Poe**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- PONZIO, Jacques e orgs – **O Afásico: Convivendo com a lesão cerebral**. São Paulo: Maltese, 1995.
- POPESCO, Liana – “la paraphrase comme traduction sémantique en contexte limité”, in Catherine Fuchs (ed.) **L’ambigüité et la paraphrase**. Caen: Centre de Publications de l’Université de Caen, 1988.
- SAUSSURE, Ferdinand – **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- SERRANI, Silvana M. – **A paráfrase como ressonância interdiscursiva na construção do imaginário de língua: o caso do espanhol riopratense**. Campinas: Tese de Doutorado IEL – UNICAMP, 1991.
- _____ – **A linguagem na pesquisa sócio-cultural - um estudo da repetição na discursividade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SERRANI-INFANTE, Silvana M. – “O estudo das não coincidências do dizer de Jacqueline Authier-Revuz e a perspectiva transdisciplinar em lingüística aplicada”, in **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, nº 28. Campinas: IEL, 1996.

_____ – “Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas”, in Revista **D.E.L.T.A.** vol. 13 nº 1. São Paulo: EDUC, 1997.

_____ – “Língua(s), discurso e subjetividade: teoria e prática no ensino-aprendizagem de escrita”, in Loni Grimm Cabral e Edair Gorski **Lingüística e Ensino**. Florianópolis: Insular, 1998.

SOUZA, Alduisio M. – **Uma leitura introdutória a Lacan (exegese de um estilo)**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

TODOROV, Tzvetan – **Poética**. Lisboa: Teorema, 1973.

VALLEJO, Américo e MAGALHÃES, Ligia C. – **Lacan: operadores da leitura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.